**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

MARCOS ANTONIO DA EIRA FRIAS

**VIVÊNCIA DE GRADUANDOS EM ENFERMAGEM NO USO DO
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

SÃO PAULO

2015

MARCOS ANTONIO DA EIRA FRIAS

**VIVÊNCIA DE GRADUANDOS EM ENFERMAGEM NO USO DO
AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de concentração: Fundamentos e Práticas de Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Helena Ciqueto Peres

**SÃO PAULO
2015**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Frias, Marcos Antonio da Eira

Vivência de graduandos em enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem / Marcos Antonio da Eira Frias. São Paulo, 2015.

106 p.

Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Helena Ciqueto Peres

Área de concentração: Fundamentos e Práticas de Gerenciamento em Enfermagem e em Saúde

1. Tecnologia da informação. 2. Tecnologia educacional.
3. Informática em enfermagem. 4. Estudantes – enfermagem. 4. Bacharelado – enfermagem. I. Título.

Nome: Marcos Antonio da Eira Frias

Título: Vivência de graduandos em enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profª Drª _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Álvaro (*in memoriam*) e Angelina, que me ensinaram o valor da responsabilidade e do trabalho honesto.

Em especial à Karla, minha filha do coração, que me adotou como pai e mudou completamente meu plano de vida.

E ao Pedro, que na sua inocência de criança, não tem noção do bem que me fez nesses quatro anos, principalmente na finalização deste estudo, nos momentos em que eu estava mais ansioso, mais tenso, me pedia para brincar “de carros”, jogar futebol e fazer uma aventura.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao meu Deus, que me protege e em cuja palavra confio *“o Senhor providenciará”*. (Gn 22, 10)

À Profa. Dra. Heloisa Helena Ciqueto Peres, orientadora deste estudo, por aceitar o desafio de me orientar, por compreender minha limitação com os números, e me conduzir ao fascinante mundo da fenomenologia social. Helô (desculpe a falta de formalidade), obrigado por sua amizade, pelas palavras certas nos momentos em que me sentia desanimado e cansado, pelo abraço amigo e pelos inúmeros questionamentos que me fizeram refletir e crescer como pessoa e como educador. Por isso, peço que o *“Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te conceda a graça; o Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz”*. (Nm 6, 24-26)

À Profa. Dra. Wana Yeda Paranhos, por sua amizade, por acreditar em meu trabalho, pelo apoio e por todos os momentos em que você me ajudou.

Ao meu irmão Eduardo, por sua disponibilidade todas as vezes que vai me buscar na volta do trabalho.

Ao Elvio Barbosa Fortunato, pela prontidão em me socorrer toda vez que a tecnologia “conspirou contra”.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Madalena Januário Leite por me aceitar no grupo de pesquisa, pela contribuição dada no Exame de Qualificação e pelo incentivo.

À Profa. Dra. Cláudia Prado, por sua amizade, pelo convite para participar do grupo de pesquisa, pelo estímulo e contribuições dadas no Exame de Qualificação.

À Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, representada pelo Magnífico Reitor Prof. Dr. Luiz Henrique Amaral e pela Pró-reitora de Graduação Profa. Dra. Amélia Maria Jarmendia Soares.

Aos alunos que participaram deste estudo, pela inestimável colaboração para que este trabalho pudesse se tornar realidade.

À Profa. Dra. Patrícia Fera, grande amiga e incentivadora, muito obrigado pela parceria e disponibilidade.

À Profa. Dra. Rika M. Kobayashi, grande amiga e incentivadora, com quem aprendi e continuo aprendendo muito.

À Profa. Dra. Andrea Cotait, por sua amizade e incentivo ao longo desses anos.

Ao Prof. Ms. Adriano Aparecido Bezerra Chaves, meu amigo, colega de turma e companheiro nesta jornada, “nós sobrevivemos”.

Aos meus amigos Prof. Giuliano Mussi, Profas. Valclei Aparecida Gandolpho Pereira, Simone G. Alonso, Jacira Toso Alves, Valéria Pastre Alencar, Marcell Vituri Marques, Alessandra M. M. Cotrim de Borba, um brinde a amizade.

Aos Professores do Departamento de Orientação Profissional pelo carinho com que recebem cada um dos pós-graduandos.

Às Enfermeiras Especialistas e funcionários do Departamento de Orientação Profissional, pela disponibilidade, auxílio, dedicação e carinho com que sempre me receberam.

Às Sras. Juliana Akie Takahashi e Fabiana G. L. Palacio, Bibliotecárias da Escola de Enfermagem da USP, pela compreensão e pela elaboração da ficha catalográfica.

Aos membros do GEPETE - Grupo de Estudos e Pesquisas de Tecnologia da Informação nos Processos de Trabalho em Enfermagem, por toda trajetória que fizemos juntos nesses anos.

Aos meus familiares e amigos, obrigado pelo incentivo e por fazerem parte da minha história.

À Profa. Alessandra Simões dos Santos pela revisão de português.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo auxílio financeiro.

Esta pesquisa contou com o Auxílio Financeiro FAPESP. processo nº 2012/24089-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

"Se vi mais longe foi por estar sobre os ombros de gigantes."

(Isaac Newton)

Frias MAE. Vivência de graduandos em enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2015.

RESUMO

Introdução: O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) como recurso educativo é uma realidade cada vez mais presente no meio acadêmico, tendo como perspectiva a construção de conhecimento competências e habilidades necessárias para a futura vida laboral no mundo tecnológico e globalizado. **Objetivo:** Compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro. **Método:** Pesquisa qualitativa que teve como referencial filosófico de análise a fenomenologia social de Alfred Schütz. A região de inquérito foi constituída por estudantes de enfermagem de uma Universidade privada do município de São Paulo. O Projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, número CAAE 07725812.5.3001.0064, conforme determina a Resolução 466/12. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, gravada após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fizeram parte do estudo 19 discursos de graduandos que responderem as seguintes questões norteadoras. Como tem sido sua vivência no uso do AVA na sua formação de enfermagem? Como tem sido sua participação na realização das atividades no AVA? e O que você espera com o uso do AVA para a sua formação em enfermagem? **Resultados:** Do discurso dos sujeitos emergiu as categorias concretas do vivido: “vivência no ambiente virtual de aprendizagem”, que agrupa vivências passadas, caracterizadas como “motivos porque”, e a categoria “expectativa dos estudantes em relação ao ambiente virtual de aprendizagem para a formação em enfermagem” apresenta as expectativas futuras caracterizadas como “motivos para”. Essas categorias desvelaram como características típicas dos estudantes, a ocorrência de mediação pedagógica entre professor e graduandos de maneira assíncrona, bem como a interação aluno-aluno visando apoio e estímulo para o alcance dos os objetivos educacionais. A vivência no AVA possibilitou aos graduandos a inclusão digital e o desenvolvimento de habilidades tecnológicas, com ganho pessoal e para o futuro profissional. Os graduandos se depararam com limitações tecnológicas fora de seu controle, como a dificuldade de conexão e

ausência de tempo livre na grade curricular para realizar as atividades. Evidenciou-se, ainda, limitações pessoais relacionadas à necessidade do gerenciamento pessoal para aprendizagem e construção do conhecimento por meio da web. Essas vivências estão voltadas para a expectativa de aprender e fazer a diferença no futuro profissional uma vez que os estudantes estão desenvolvendo experiências no uso das ferramentas digitais no mundo da enfermagem, ampliando os conhecimentos construídos previamente e aperfeiçoando o conhecimento em enfermagem.

Conclusão: Ao desvelar os fenômenos que compõem o tipo vivido de graduandos em enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem, vislumbra-se a necessidade de ter interesse, envolvimento e utilizar as ferramentas digitais bem como de construir o conhecimento e as habilidades no uso da informática considerando a importância da inserção desses recursos tecnológicos na formação do enfermeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia da informação. Tecnologia Educacional. Informática em enfermagem. Estudantes de enfermagem. Bacharelado em enfermagem.

Frias MAE. Experience of nursing students in the use of virtual learning environment. [thesis]. São Paulo (SP), Brasil: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2015.

ABSTRACT

Introduction: The virtual learning environment (VLE) as an educational resource is a reality ever more present in academia, with the perspective to build knowledge skills and abilities necessary for future working life in the technological and globalized world. **Objective:** To understand how nursing students experience the use of the virtual learning environment in their training as a nurse. **Method:** Qualitative research that had the philosophical referential of analysis the social phenomenology of Alfred Schütz. The survey area consisted of nursing students from a private university in São Paulo. The research project was approved by the Ethics and Research of the Nursing School of the University of São Paulo Committee, CAAE 07725812.5.3001.0064 number, as required by Resolution 466/12. Data collection was conducted through semi-structured interview, recorded after signing the Informed Consent and Informed. Participants were 19 speeches to answer the following guiding questions. How has your experience in the use of VLE in their general nursing? How has your participation in carrying out activities in VLE? and What do you expect with the use of VLE for your nursing education? **Results:** From the speech of the subjects emerged the categories of concretely experienced: "experience in the virtual learning environment" which brings together past experiences, characterized as "reasons why" and the category "expectations of students in relation to the virtual learning environment for nursing training" presents future expectations characterized as "reasons for". These categories unveiled as typical characteristics of students, the occurrence of pedagogical mediation between teachers and graduate students asynchronously, as well as the student-teacher interaction aimed at support and encouragement to achieve the educational goals. The experience at the VLE enabled the graduates to digital inclusion and the development of technology skills, with personal gain and for the professional future. The graduates were faced with technological limitations beyond their control, such as the connection of difficulty and lack of free time in the curriculum to carry out the activities. It was evident also personal limitations related to the need of personnel management for learning and knowledge building through the web. These

experiences are focused on the expectation to learn and make a difference in professional future once the students are developing experiences in the use of digital tools in the nursing world, expanding the knowledge built previously and improving the knowledge in nursing. **Conclusion:** When unveil the phenomena that make up the type experienced undergraduates in nursing in the use of the virtual learning environment, the need to have glimpsed-interest, involvement and use digital tools and to build the knowledge and skills in the use of information considering the importance of integrating these technological resources in nursing education.

KEYWORDS: Information technology. Educational technology. Nursing Informatics. Students, Nursing. Education, Nursing, Baccalaureate.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	–	Representação do Referencial teórico filosófico de Alfred Schütz. São Paulo, 2015.	pág	38
Figura 2	–	Representação da discussão. São Paulo, 2015.	pág	65
Figura 3	–	Representação da tipificação. São Paulo, 2015.	pág	68

LISTA DE SIGLAS

AVA	Ambiente virtual de aprendizagem
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
EpC	Ensino para a Compreensão
EQ	Exame de Qualificação
ETE	Escola Técnica Estadual
FUNDAP	Fundação do Desenvolvimento Administrativo
FZL	Faculdade da Zona Leste
GEPETE	Grupo de Estudos e Pesquisas de Tecnologia da Informação nos Processos de Trabalho em Enfermagem
IC	Iniciação Científica
IES	Instituição de Ensino Superior
Moodle	Modular Object Oriented Dynamic Learning Enviroment
PBL	<i>Problem Based Learning</i>
PI	Projeto Integrado
PROFAE/MS	Programa de Profissionalização dos Trabalhadores na Área de Enfermagem do Ministério da Saúde
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UCG	Unidade Curricular de Graduação
UMC	Universidade de Mogi das Cruzes
UNICID	Universidade Cidade de São Paulo
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

RESGATANDO A MINHA SITUAÇÃO BIOGRÁFICA COMO ATOR NO CENÁRIO SOCIAL DA ENFERMAGEM.....	15
INQUIETAÇÃO	24
CONHECENDO O ENSINO PARA COMPREENSÃO – EpC	28
RESGATANDO A INSERÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE ENFERMAGEM	32
REFERENCIAL TEÓRICO FILOSÓFICO DE ALFRED SCHÜTZ	38
OBJETIVO	44
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	45
RESULTADOS	52
Categoria1: VIVÊNCIA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM	52
Categoria 2: EXPECTATIVA DOS ESTUDANTES COM O USO DO AVA PARA A SUA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM	61
TIPIFICAÇÃO	65
ANÁLISE COMPREENSIVA DOS RESULTADOS	68
VISLUMBRANDO INOVAÇÕES NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	83
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	95
ANEXOS	101

RESGATANDO A MINHA SITUAÇÃO BIOGRÁFICA COMO ATOR NO CENÁRIO SOCIAL DA ENFERMAGEM

Pensar na minha primeira experiência como docente de enfermagem é pensar o meu mundo vida. É perceber o desenvolvimento da **atitude natural** a partir do **convívio face a face** com meus pares e no uso dos objetos que até então fizeram parte do meu dia a dia como enfermeiro e como docente. É fazer o resgate da minha **situação biográfica** como ator no cenário social da enfermagem e ver emergir o **estoque de conhecimentos e experiências armazenadas**.

A minha vivência em enfermagem teve início em 1979 quando fiz o curso de auxiliar de enfermagem na Cruz Vermelha Brasileira – filial São Paulo. Nessa época eu queria ser enfermeiro, não tinha noção que existiam outros profissionais no quadro de enfermagem. Quando comecei o curso, tomei ciência de que ao concluí-lo, eu seria auxiliar de enfermagem.

Durante o curso de auxiliar, concluído em 1980, no **convívio face a face** com as professoras, o que era um desejo foi se tornando uma paixão por aprender, por cuidar, por ensinar, mas para viver plenamente essa paixão, eu deveria cursar a graduação em enfermagem.

Em 1983, fui aprovado no vestibular da Universidade de Mogi das Cruzes – UMC, onde cursei o primeiro ano da graduação.

Na UMC, o curso de Enfermagem era em período integral, e como todo estudante de família pobre que busca a ascensão social e profissional, eu precisava trabalhar, portanto, o meu trabalho nesse primeiro ano da faculdade foi lecionar em um curso de atendente de enfermagem no período noturno.

O incentivo para começar a lecionar veio da minha tia, Isabel. Em uma conversa, ela falou-me que sua professora no curso de atendente era estudante de enfermagem. Nessa época, devido à carência de mão de obra especializada de nível médio, eram comuns os cursos para formação de atendente de enfermagem.

Esses cursos eram ministrados por enfermeiros ou estudantes de enfermagem, geralmente em igrejas ou sociedades de bairros, não eram regulamentados ou mesmo reconhecidos, não havia exigência de escolaridade mínima e tinham duração aproximada de três meses.

Neste **contexto social** da enfermagem dos anos 80, quando iniciei minha graduação, o atendente de enfermagem representava uma grande parcela da força de trabalho em enfermagem, desenvolvendo atividades como curativos, sondagem vesical, sondagem gástrica, preparo e administração de medicação.

Refletindo sobre a **subjetividade do meu mundo vida** no cenário social da enfermagem, na **relação face a face** vivida com professores e colegas de turma ou mesmo com minha tia, vejo emergir os **motivos** que me fizeram buscar a graduação e também desenvolver atividades docentes em um curso de atendente de enfermagem, que serviram como base no início da minha carreira como docente após concluir a graduação.

Esse **conhecimento sedimentado** permitiu-me desenvolver as aulas neste curso e elas transformaram-se em novos conhecimentos incorporados aos saberes preexistentes, cujos quais contribuíram e continuam contribuindo para o desenvolvimento da atividade docente ao longo desses mais de vinte anos no exercício do magistério.

No segundo ano da graduação, pedi transferência para a Faculdade da Zona Leste – FZL, em São Paulo, hoje Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Continuei lecionando neste mesmo curso por mais algum tempo, até conseguir um emprego como Auxiliar de Enfermagem.

Ao concluir a graduação em 1985, fui trabalhar como enfermeiro na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Matarazzo, local onde tive oportunidade de aprender muito, cuidar e ensinar. Em 1990, na saída de um plantão, reencontrei, a Professora Mestre, Wania Maria Zangirolamo Fidélis, por quem tenho profunda admiração e serei eternamente grato.

Nesse reencontro, a Professora Wania me convidou para dar aula de Fundamentos de Enfermagem na Escola Técnica Estadual (ETE) “Carlos de

Campos”, local onde ela lecionava na época. No início fiquei relutante, agradei o convite, ela insistiu e disse-me para ir até a escola para conhecer o grupo de professores. Diante da insistência, aceitei o convite, conheci a escola e os professores, conversei com a coordenadora do curso e saí de lá empregado.

A **situação biográfica** que se desenha nesse cenário do meu **mundo vida** deixa transparecer o potencial e a coragem de enfrentar uma nova oportunidade que se colocava diante de mim, lançando mão do **conhecimento armazenado** durante o período em que lecionei no curso de atendente e a vivência que tive como enfermeiro.

No exercício do magistério, no curso técnico de enfermagem, surgiram algumas dúvidas e dificuldades didático pedagógicas, o que me despertou a necessidade de cursar Licenciatura em Enfermagem. Em 1992, cursei este curso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Após a conclusão da licenciatura, percebi que muitas das dúvidas ainda permaneciam, mas agora com um diferencial: eu tinha embasamento teórico que me permitia caminhar em busca das respostas.

Trabalhei como docente na ETE durante aproximadamente oito anos, onde, durante pouco mais de um ano (1995-1996), acumulava as funções de professor e de coordenador do curso.

Mesmo lecionando, mantive outro emprego como Enfermeiro Assistencial na área hospitalar até 1993, quando época em que surgiu a oportunidade de ingressar como docente no Hospital do Câncer A.C. Camargo. A Instituição mantinha um Convênio com a Secretaria de Estado da Saúde para formação de Auxiliares de Enfermagem, pelo Projeto Classes Descentralizadas. A partir desse momento, voltei toda minha atividade profissional para a educação em enfermagem, mais precisamente para a formação de técnicos e auxiliares.

Durante o período em que atuava como docente e coordenador na ETE, assumi também a coordenação da Classe Descentralizada no Hospital do Câncer. Diante das dificuldades em conciliar as atividades de coordenação nas duas instituições, optei por permanecer como docente na ETE e manter a coordenação da Classe Descentralizada, quando então iniciei o Curso de Complementação

Pedagógica, com vistas a assumir a direção da Escola Técnica, que seria criada pelo Hospital do Câncer, permitindo assim a desvinculação da Secretaria de Estado da Saúde.

Em 1997, concluí o curso de Complementação Pedagógica, que me conferiu o título de Licenciado em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar. Com a conclusão do curso, desliguei-me da ETE e assumi a direção da Escola do Hospital do Câncer, permanecendo como diretor pedagógico até o ano de 2000.

O Hospital do Câncer A.C.Camargo é uma instituição voltada para o ensino e a pesquisa, com o estímulo e incentivo das grandes amigas, Professora Dra. Andrea Cotait Ayoub, que na ocasião era Gerente do Serviço de Enfermagem do hospital e da Professora Dra. Rika Miyahara Kobayashi, na época professora da Escola do Hospital do Câncer e meu braço direito. Eu dei o primeiro passo como pesquisador, produzindo os primeiros artigos que foram publicados e abriram caminho para o mestrado.

O ingresso no mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP era um sonho o qual se concretizou em 1999. Sob orientação da Professora Dra. Regina Toshie Takahashi, eu trilhei os caminhos da Pós-Graduação *Stricto Sensu*, na área de concentração Administração em Serviços de Enfermagem no Departamento de Orientação Profissional (ENO). Em 2001, concluí o mestrado, apresentando à banca examinadora a dissertação intitulada "Avaliação do processo ensino-aprendizagem: seu significado para o aluno de ensino médio de enfermagem".

Deixar a docência no ensino técnico para lecionar em um curso de graduação em enfermagem foi um grande salto na minha carreira profissional como docente transformando o meu **mundo vida**.

O mestrado abriu-me muitas portas com chances de trabalho e, em cada uma delas tive a oportunidade de lançar mão da **experiência armazenada** e colocar em prática o que aprendi em termos de pesquisa e de docência no magistério superior, e ainda, agregando novos conhecimentos que, conseqüentemente, modificaram o meu **estoque de conhecimentos à mão** e trouxeram muitas inquietações, que venho tentando desvelar ao longo desses anos.

Após a conclusão do curso de mestrado, o fato de ser titulado possibilitou-me ser o professor responsável por uma disciplina, ser membro efetivo da Congregação com direito a voz e voto, ser representante docente no Conselho Acadêmico, orientar alunos em projetos de iniciação científica e apresentar esses trabalhos em congressos voltados especificamente para essa área, além de ministrar aulas e orientar monografias em curso de pós-graduação.

A minha primeira experiência como docente na formação de enfermeiros foi no ano de 2000, em uma Faculdade de Enfermagem vinculada a um grande hospital no município de São Paulo, quando eu ainda estava cursando o mestrado. A partir deste momento, deixei de lecionar nos cursos técnicos e passei então a me dedicar ao ensino de graduação.

Na Instituição de Ensino Superior (IES), onde trabalhei por quatro anos, a realidade era completamente diferente do que eu já havia vivenciado em termos de docência. Todas as salas de aula tinham computador com acesso à internet, projetor multimídia e aparelho de som, ou seja, tecnologias com as quais eu não estava habituado. A minha realidade, em termos de tecnologia, eram as transparências que eu preparava para usar no retroprojetor e eventualmente o projetor de diapositivos (*slides*).

Entre 2002 e 2003, concomitante às atividades na IES, vinculada ao hospital, desenvolvi ações autônomas de supervisão, monitoramento e avaliação de cursos de Qualificação Profissional para Auxiliar de Enfermagem e de Complementação da Qualificação Profissional para Técnico em Enfermagem no Projeto PROFAE/MS - Programa de Profissionalização dos Trabalhadores na Área de Enfermagem do Ministério da Saúde, junto à Fundação do Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP.

Para desenvolver as atividades junto ao PROFAE/MS, foi necessário resgatar as **experiências vividas** como docente, coordenador e diretor pedagógico no ensino técnico. Esse resgate permitiu uma atuação imparcial de supervisão, monitoramento e avaliação do desenvolvimento dos cursos tanto nos blocos teóricos como os de estágio supervisionados.

Em 2003, comecei a lecionar também no curso de graduação em Enfermagem de um grande Centro Universitário, onde permaneci até o ano de 2009. Nesse período em que trabalhei neste Centro Universitário, além do curso de graduação, lecionei também na Pós-Graduação *Lato Sensu*. Nesta IES eu usava o retroprojeto, equipamento que eu sabia lidar com maestria, pois, como já citado, na Escola do Hospital do Câncer, eu usava-o frequentemente.

Lecionar na pós-graduação é um grande salto em termos de docência, pois exige do docente conhecimento e vivência na área que se propõe a lecionar. Assim, ministrei algumas aulas sobre conteúdos específicos de enfermagem, mas a minha disciplina regular era Didática no Contexto da Enfermagem.

Nas aulas de didática tive oportunidade de usar o computador, o projetor multimídia e alguns objetos virtuais de aprendizagem, recursos que contribuíram muito para o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Nesta época, eu já tinha meu computador pessoal, que usava para digitar textos, enviar e-mail e preparar as transparências para as aulas.

Em agosto de 2008, a convite da Professora Dra. Wana Yeda Paranhos, minha grande amiga e a quem também serei sempre grato, fui trabalhar na IES onde desenvolvo hoje minha atividade docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Enfermagem e de Docência em Enfermagem.

Atualmente, minha atividade docente na pós-graduação está relacionada a algumas aulas sobre temas específicos da área de enfermagem que são de meu domínio e algumas aulas de metodologia da pesquisa. As minhas disciplinas regulares são: Ensino Aplicado à Enfermagem, para as turmas de pós-graduação em Enfermagem em Pronto-Socorro, Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva e Enfermagem em Clínica Médica e Cirúrgica. Para o curso de Pós-Graduação em Docência em Enfermagem, as minhas Disciplinas são “Pedagogia de projetos”, “Políticas públicas de educação em enfermagem” e “Projeto de pesquisa em educação” (Metodologia da pesquisa).

Nessa **subjetividade do meu mundo vida**, o meu projeto de ser enfermeiro, poder aprender, cuidar e ensinar, foi formulado com base no “**aqui e agora**”, e

mesmo com tantas inquietações que me fizeram caminhar sempre em busca de algo mais, eu me sentia confortável.

O meu **mundo da vida** de ser enfermeiro docente foi se construindo a partir das relações e experiências vividas, apreensão de conhecimentos e identificação de espaços físicos que me faziam sentir seguro, dando origem à **atitude natural**. A **atitude natural** conduziu-me a uma zona de conforto onde transitei com segurança por um longo período, até me deparar com o desafio de desenvolver minha atividade docente. Atividade esta no formato de um projeto semipresencial, pautado no marco conceitual do Ensino para a Compreensão – EpC, e tendo que usar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e mediar a atividade dos estudantes nesse ambiente. Esses novos desafios provocaram grande desconforto e inquietação que me tiraram da zona de conforto, pois não me eram familiar, portanto, não tinha **estoque de conhecimento** do qual pudesse lançar mão para dar condução às atividades com a mesma segurança.

Em dezembro de 2009, juntamente com meus amigos e companheiros de trabalho, Professora Wana, Professor Adriano e Professora Valclei, e a convite da Professora Dra. Cláudia Prado, tive o meu primeiro contato com o Grupo de Estudos e Pesquisas de Tecnologia da Informação nos Processos de Trabalho em Enfermagem – GEPETE.

Durante o ano de 2010, participei das atividades e projetos desenvolvidos no GEPETE. Participar das atividades do grupo de pesquisa tinha uma intenção: buscar respostas para os meus questionamentos e inquietações como docente e iniciar minha caminhada rumo ao doutorado, pois entendia que era chegado o momento para ampliar minha visão como pesquisador.

A participação no GEPETE possibilitou-me novas experiências, aprendizados, descobertas e crescimento profissional, bem como a construção, conjunta com a minha orientadora, Professora Dra. Heloisa Helena Ciqueto Peres, de dois “projetos guarda-chuva” vinculados às orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de Iniciação Científica (IC) de graduandos de enfermagem na universidade onde atuo como docente.

A produção científica oriunda desses projetos vem gerando artigos completos publicados em periódicos nacionais e internacionais, bem como a apresentação de trabalhos em eventos científicos da área.

A participação nas atividades do GEPETE e as orientações relacionadas aos projetos de pesquisas individuais foram decisivas para eu construir o meu projeto e preparar-me para o processo seletivo do doutorado.

No ano de 2011, fui aprovado no processo seletivo e ingressei no doutorado, sendo que, desde então, venho desenvolvendo as atividades inerentes ao doutorado e participando das atividades do GEPETE.

Em 2012, concluídos os requisitos necessários, realizei o Exame de Qualificação (EQ), sendo surpreendido pela banca examinadora com o seguinte questionamento: “Quem era o Marcos pesquisador quando entrou no doutorado e como ele é hoje, depois desse tempo de caminhada no doutorado? E o que falta?”.

Ao refletir sobre esses questionamentos considerei que:

O doutorado mudou minha vida e minha visão em termos de pesquisa, hoje eu sou um pesquisador mais atrevido e ousado em relação à pesquisa, Entendo que essas mudanças se iniciaram com a minha participação no grupo de pesquisa e no desenvolvimento de projetos sob a orientação da Professora Dra. Heloisa. E o que falta? Falta muita coisa ainda...

Hoje, repensando nesse questionamento, acredito que o pesquisador não deve se contentar com respostas definitivas, uma vez que sempre há a possibilidade de novas descobertas e novas respostas. Assim, percebo que é exatamente essa falta de resposta para uma pergunta, que instiga a curiosidade e motiva o pesquisador a querer e a buscar cada vez mais.

A necessidade de buscar cada vez mais respostas para os diversos questionamentos fazem do grupo de pesquisa um celeiro onde se juntam as melhores sementes provenientes das discussões e estudos desenvolvidos pelos seus membros. Essas sementes têm gerado muitos frutos em termos de produção científica. Assim, o GEPETE é um espaço de desenvolvimento e de troca, onde cada membro pode buscar e trilhar caminhos para encontrar respostas às suas inquietações e produzir as sementes que se tornarão frutos.

Compartilho ainda a visão da Professora Dra. Cláudia Prado, “o grupo de pesquisa é um berçário de pesquisadores”. Entendo que o berçário é lugar de cuidado, de desenvolvimento e crescimento, desta maneira, as líderes do grupo de pesquisa preocupam-se e ocupam-se desse ofício de cuidar e zelar pelo desenvolvimento dos futuros pesquisadores e da linha de pesquisa que norteia as atividades do grupo

INQUIETAÇÃO

Ao refletir sobre os motivos que me fizeram sair da zona de conforto, deparei-me com o que Schütz⁽¹⁾ chama de **relevância imposta**, ou seja, novas situações que se desenharam em meu **mundo vida** e que me foram impostas como as novas ferramentas computacionais aplicadas ao ensino de enfermagem, às inovações pedagógicas adotadas pela instituição de ensino, à insegurança sobre a aprendizagem dos alunos nesse novo modelo pedagógico (denominado Marco Conceitual do Ensino para a Compreensão – EpC, cujo qual será apresentado no próximo capítulo), e ao uso do ambiente virtual de aprendizagem.

Em 2009, teve início, na Universidade onde este estudo foi desenvolvido, a primeira turma de Especialização *Lato Sensu* em Docência no Cenário do Ensino para Compreensão – EpC, composta por pouco mais de cem docentes dos diversos cursos da Instituição. Os professores-alunos foram divididos em quinze grupos de cinco a doze componentes que eram direcionados pelas facilitadoras. Esta primeira turma contou com nove facilitadoras, sendo que algumas eram mediadoras de mais de um grupo.

A facilitadora é uma professora que tem como função mediar a aprendizagem, sendo a sua participação ativa no sentido de planejar e coordenar o desenvolvimento das atividades.

Durante o desenvolvimento do curso do EpC, os professores-alunos eram instigados a vivenciar as primeiras experiências de aplicação do marco conceitual com as turmas com as quais já estavam trabalhando.

Em 2010, com a conclusão do curso do EpC pela primeira turma de professores-alunos, este marco conceitual foi implantado para todos os cursos da universidade. O currículo dos diversos cursos oferecidos pela Instituição era modular e as disciplinas deram lugar à Unidade Curricular de Graduação (UCG) e ao Projeto Integrado (PI), este último, que deveria estar interligado a uma UCG.

O Projeto Integrado (PI) é um componente curricular com carga horária de 160 horas desenvolvido de forma semipresencial, sendo duas horas semanais presenciais (quarenta horas semestrais) e seis horas semanais a distância (cento e vinte horas semestrais), somando assim 160 horas semestrais.

O primeiro PI constante da grade curricular é denominado “Aproximação da Prática em Enfermagem”. que tinha como **meta de compreensão** “levar o aluno compreender a enfermagem como ciência e arte que detém um corpo próprio de conhecimentos para o cuidado holístico do indivíduo/família/comunidade”.

Para atingir essa meta, o eixo norteador estava centrado no tripé História da Enfermagem, Teorias de Enfermagem e Instrumentos Básicos de Enfermagem. O desenvolvimento dos conteúdos referentes à história da enfermagem, instrumentos básicos de enfermagem e teorias de enfermagem deveriam, respectivamente, levar o estudante a “conhecer a origem do cuidado e a evolução da enfermagem como ciência”; “permitir a identificação das necessidades do indivíduo/família/comunidade para determinar o cuidado individualizado” e “favorecer a implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem”.

Assim, o desenvolvimento do Projeto Integrado semipresencial com momentos presenciais e a distância com uso de AVA, fundamentado no EpC apresentou vários desafios, sendo que o primeiro foi ter que desenvolvero PI no formato de um projeto colocando em prática o Marco Conceitual do EpC. Os conteúdos que até então eu ministrava nas aulas presenciais deveriam ser desenvolvidos em projetos. Havia uma grande expectativa por parte de todo o corpo docente, dos diretores de curso, da pró-reitoria, enfim, de toda a comunidade acadêmica. Fomos capacitados orientados, informados e direcionados para desenvolver as atividades de acordo com o marco conceitual do EpC. Assim, surgiram inquietações iniciais como: E se não conseguisse conduzir a contento o projeto? Será que daríamos conta de construir o projeto? Qual seria o produto final do projeto?

Para o desenvolvimento desse PI a turma foi dividida em cinco grupos. Para cada grupo foi dado um tema ligado ao eixo norteador, sendo cada grupo

responsável por socializar com os demais as suas descobertas. A socialização de suas descobertas estava planejada para se realizada no AVA.

Os encontros presenciais do PI eram realizados uma vez por semana por um período de duas horas. Nesse encontro, o professor-tutor ministrava aula sobre história da enfermagem e orientava os grupos no desenvolvimento de seus projetos. Cada grupo ficou encarregado de estudar uma teoria e dois instrumentos básicos de enfermagem, totalizando assim cinco teorias e dez instrumentos básicos.

As teorias estudadas foram a Teoria Ambientalista, de Florence Nightingale; as Necessidades Humanas Básicas de Wanda, de Aguiar Horta; a Diversidade e Universalidade Cultural do Cuidado, de Madeleine Leininger; o Alcance de Metas, de Imogene M. King e Teoria Geral de Enfermagem de Orem (Teoria do Autocuidado), de Dorothea Orem.

Os instrumentos básicos de enfermagem foram: a observação para coleta de dados; o método científico para resolução de problemas; o princípio científico como corpo de conhecimentos; a comunicação como facilitadora da relação interpessoal; a criatividade como capacidade de uso do conhecimento; o trabalho em equipe como interação e entrosamento de profissionais; o planejamento como processo intelectual; a destreza manual enquanto habilidade necessária à ação cuidativa; a avaliação como processo contínuo de verificação dos cuidados e a liderança como relação de influência dentro da cultura organizacional.

O segundo desafio foi usar o AVA *Modular Object Oriented Dynamic Learning Enviroment* – Moodle® como recurso no desenvolvimento do projeto. A minha vivência com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), mais especificamente com o computador e internet, limitava-se ao uso de editores de textos e de apresentação, uso de buscadores, baixar e salvar arquivos e o envio e recepção de e-mail. Quanto ao uso de AVA eu não tinha nenhuma vivência.

Não houve um curso ou treinamento prévio para o uso da plataforma virtual. A plataforma foi apresentada aos professores em um único encontro de aproximadamente duas horas, por uma docente que já fazia uso de tal ferramenta há algum tempo.

Após a apresentação da plataforma, o administrador do sistema criou uma página teste para que cada professor pudesse inserir seus conteúdos, sendo esses posteriormente migrados para a página oficial.

As dúvidas que surgiram durante a construção da página foram sanadas pelo técnico que administrava o sistema na Instituição. Pude contar, ainda, com a ajuda da Professora Dra Heloisa que me ensinou a usar algumas ferramentas da plataforma.

O terceiro desafio foi a coordenar o ensino semipresencial, pois o conteúdo que deveria ser trabalhado de forma não presencial era grande e a grade curricular não previa um horário livre para que o aluno pudesse desenvolver as atividades, uma vez que todo o período era preenchido com aulas presenciais. Apesar de acreditar na importância da autonomia do aluno na construção de seu conhecimento, não me sentia seguro e nem confortável nessa situação.

Além desses desafios descritos acima, no decorrer do projeto, deparei-me com uma realidade não esperada: alguns dos estudantes não conseguiam minimamente ligar o computador ou quando conseguiam, não davam conta de acessar a plataforma para realizar as atividades postadas, sendo necessário eu também oferecer esse suporte aos graduandos. Essas **vivências face a face** com os alunos nesse **cenário social** provocadas por tantas mudanças relacionadas ao novo modelo pedagógico, a obrigatoriedade do uso do AVA e as dificuldades dos alunos no uso do computador e da plataforma geraram grande desgaste, momentos de estresse, angústia e insegurança no desenvolvimento da minha atividade docente.

Diante do exposto, alguns questionamentos começaram a surgir. Como os alunos vivenciaram o AVA e suas ferramentas como recurso didático na construção do conhecimento em enfermagem? Que fatores influenciam o uso do AVA pelos alunos? Quais as expectativas dos alunos em relação ao AVA? Esses questionamentos provocaram em mim uma grande inquietação e instigaram-me a conhecer a vivência dos alunos matriculados no currículo de 4.000 horas do curso de graduação em enfermagem da instituição onde foi desenvolvido o estudo e apreender o típico vivido por eles no uso do AVA na sua formação como enfermeiro.

CONHECENDO O ENSINO PARA COMPREENSÃO - EpC

O marco conceitual do Ensino para a Compreensão - EpC, assim como as pesquisas sobre sua aplicabilidade, foi desenvolvido em *Harvard graduate School of Education*, por *Martha Stone Wiske* e colaboradores, em um projeto de pesquisa denominado *Project Zero*.

O *Project Zero* teve duração de seis anos e, nesse período, foi evidenciada e descrita a base teórica do marco conceitual do EpC, seu método, o produto derivado de seu uso em diversos cenários de aprendizagem, seu encadeamento na formação docente e as mudanças advindas na escola⁽²⁾. O EpC está pautado nos estudos de Friedrich Froebel, Johann Friedrich Herbart e Johann Pestalozzi e, em especial, nos estudos de John Dewey referente à compreensão de escolarização democrática⁽³⁾.

Froebel ressaltou o aspecto do aperfeiçoamento da aprendizagem e da compreensão a partir de experiências significativas de ensino-aprendizagem, afirmando que as vivências educacionais sustentam-se umas nas outras, formando uma rede de relações, portanto, “quanto mais significativas forem as várias experiências, mais amplo o potencial educacional” e ainda, entendendo ser fundamental a continuidade do processo de aprendizagem, estimulava que as crianças repetissem frequentemente tais vivências, pois acreditava que a cada contato, novas percepções iriam emergir, ampliando assim a compreensão⁽³⁾.

Herbart entendia a aprendizagem como processo de relação, onde cada nova etapa deveria se agregar à etapa precedente, sendo essa integração o alicerce para prosseguir a aprendizagem, esse processo deveria ter relação direta com o interesse do aprendiz, possibilitar a expansão da aprendizagem de forma contínua na escola ou fora dela⁽³⁾.

Pestalozzi defendia que as situações de aprendizagem estão relacionadas às vivências do aprendiz, portanto, os objetos reais de uso diário e a ligação desses com “outros objetos e ideias, são a base para a compreensão”, pois o interesse do estudante é fundamental para o *start* da aprendizagem e da apreensão do conhecimento⁽³⁾.

Dewey ressaltou ser imprescindível para uma “nova pedagogia” que os educadores fossem impelidos a associar os conteúdos desenvolvidos na escola às atividades diárias dos alunos. Para ele, a separação que predominava “entre a escola e a vida” é a responsável pela limitação na educação. Acreditava na “excelência em educação como crescimento em compreensão, capacidade, autodescoberta, controle de acontecimentos e habilidade para definir o mundo” (3- p.23)”. .

O EpC, como apresentado anteriormente, não é considerado como metodologia de ensino, mas sim como um marco conceitual pautado em diversos estudos que concebem a aprendizagem como construção interna, flexível e de integração de significados a partir da participação ativa do indivíduo que aprende e considera a flexibilidade cognitiva do aluno e a clara interdependência entre os saberes, como pontos fortes para a promoção da aprendizagem colaborativa e interdisciplinar.

A compreensão é definida por Perkins^(4 p.37 e 39) como sendo:

a capacidade de pensar e agir de maneira flexível com o que se sabe (...) ter um desempenho flexível com esse tópico – explicar, justificar, extrapolar, relacionar e aplicar de maneiras que vão além do conhecimento e da habilidade de rotina. Compreender é uma questão de ser capaz de pensar e agir de modo flexível quanto àquilo que você sabe.

Os conteúdos ensinados ao aluno precisam ser significativos para que sejam apreendidos e aprendidos, possibilitando, assim, seu uso em circunstâncias diversas, tanto nas atividades acadêmicas, como no seu dia a dia, instigando o estudante a buscar novos conhecimentos e entrelaçá-los, formando uma teia de saberes.

Nesse sentido, Perrone^(3 p.19) afirma que:

A ideia de que aquilo que os alunos aprendem precisa ser internalizado e pode ser usado em muitas circunstâncias diferentes dentro e fora da sala de aula, servindo de base para o aprendizado contínuo e prolongado, sempre repleto de possibilidades – há muito tem sido endossado como uma meta educacional primordial nas escolas. Raramente, no entanto, tal meta virou norma.

Assim, o ponto central do Projeto Zero segundo Wiske⁽²⁾ foi o desenvolvimento do marco conceitual, respondendo às quatro questões citadas anteriormente, 1) Que tópicos vale a pena compreender?; 2) O que os alunos devem compreender sobre eles?; 3) Como podemos fomentar a compreensão?; 4) Como podemos saber o que os alunos compreendem?

Esse marco conceitual está pautado na definição dos **tópicos geradores**, estabelecimento de **metas de compreensão**, **desempenhos de compreensão** e na **avaliação contínua**.

Os **tópicos geradores** são assuntos ou tópicos essenciais e básicos ao desenvolvimento do estudante e que tenham relação com as suas vivências e interesses, que permitam uma abordagem por diversos ângulos e que sejam **relacionados às paixões dos professores**. Esses temas geradores respondem então ao primeiro questionamento:

1) Que tópicos vale a pena compreender?

Este primeiro questionamento define o que vale a pena compreender, organizando um currículo em torno de *tópicos geradores* que são centrais à matéria, acessíveis e interessantes para os alunos, e estejam relacionados às paixões do professor ^(2 p.12-13).

As **metas de compreensão** estão diretamente ligadas aos tópicos geradores e são balizadas por um verbo no infinitivo que mostre de maneira clara e objetiva o que se espera que o aluno compreenda. Essas metas **precisam ser conhecidas e compreendidas pelos estudantes**.

2) O que os alunos devem compreender sobre eles?

A segunda questão esclarece o que os alunos irão compreender formulando as *metas de compreensão* explícitas, focalizadas em idéias e questões fundamentais à disciplina, tornando-as públicas, a alunos, pais e outros membros da comunidade escolar ^(2 p. 12-13).

Os **desempenhos de compreensão** refletem os desempenhos esperados do aluno em relação às metas de compreensão.

3) Como podemos fomentar a compreensão?

A terceira estimula a compreensão dessas metas por parte dos alunos engajando os aprendizes em *desempenhos de compreensão* que requerem deles ampliar, sintetizar e aplicar o que sabem. Desempenhos de compreensão ricos permitem aos alunos aprender e expressar-se por meio de inteligências e formas de expressão múltiplas; eles não só desenvolvem, mas também demonstram compreensão ^(2 p. 12-13).

A **avaliação contínua** deve ser realizada ao final de cada atividade, tendo por baliza o desempenho do estudante em relação às metas de compreensão estabelecidas.

4) Como podemos saber o que os alunos compreendem?

E a quarta mede a compreensão dos alunos realizando *avaliação contínua* de seus desempenhos. Tais avaliações são mais eficientes em termos educacionais quando ocorrem com frequência, baseiam-se em critérios públicos diretamente relacionados a metas de compreensão, são conduzidos pelos alunos e pelos professores e geram recomendações construtivas para melhorar desempenhos. Avaliações contínuas instruem o planejamento e medem a compreensão dos alunos ^(2 p. 12-13).

A retomada pela busca do ensino para a compreensão, no final do século XX, mostra-se como uma forma de oposição ao currículo tradicional, “orientado a habilidades”, que prevalece na escola e da constatação de que os estudantes não estão sendo educados para desenvolver o pensamento crítico, que lhes permita a resolução de problemas, o desempenho em situações complexas e tão pouco, o desenvolvimento de atividades produtivas diante das transformações do mundo⁽³⁾.

RESGATANDO A INSERÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE ENFERMAGEM

Ao pensar em um estudo que busca compreender a vivência de estudantes no uso do ambiente virtual, consideramos relevante resgatar na literatura e apreender dela aspectos concernentes ao uso das ferramentas digitais no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que a incorporação da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no ensino abriu espaço para novas composições na estruturação e efetivação do processo de ensinar e aprender.

Em um estudo⁽⁵⁾, que teve como objetivo identificar a utilização das ferramentas tecnológicas na educação em enfermagem no Brasil, os autores apontam que a inserção da tecnologia como recurso para armazenar informações, favorece o aprimoramento e podem ser usadas como base para a educação em enfermagem.

Considerando que a inserção das ferramentas tecnológicas está cada vez mais presente como recurso de ensino e aprendizagem, a reflexão sobre o uso dessas ferramentas deve ir além das características da nova geração e deve se concentrar sobre o que significa ser um aluno em um ambiente digital⁽⁶⁾. E assim compreender como se dão suas vivências no ambiente virtual, na sua formação e como o AVA interfere no processo ensino-aprendizagem.

O despontar da educação a distância, sobretudo as sustentadas pela *internet* e redes a ela relacionadas, interfere de forma positiva nas questões pedagógicas, econômicas e organizacionais⁽⁷⁾, e observam-se mudanças significativas, principalmente no que se relaciona ao ensino, às questões laborais e aos cuidados com a saúde em função de sua flexibilidade e diversas aplicações⁽⁸⁾.

São diversas as ferramentas digitais que podem ser usadas no ensino, dentre elas, autores⁽⁹⁾ citam o hipertexto, recursos de áudio, recursos audiovisuais e situações-problema, os quais estimulam o estudante a buscar soluções. Essas ferramentas permitem desenvolver habilidades de observação, análise e decisão pela melhor solução, dentre as diversas possibilidades identificadas.

Desta maneira, o professor, deve ter claro seu propósito educacional, contribuindo para o melhor desempenho no processo ensino aprendizagem, uma vez que as ferramentas digitais usadas no ensino de enfermagem não são o fim, mas simplesmente meios que favorecem as práticas pedagógicas⁽⁵⁾.

Essas ferramentas digitais têm distintas funções e podem ser utilizadas de maneira individual ou ser agrupadas em um sistema de gerenciamento com suporte da *internet*, para compor o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

AVA é um sistema de gerenciamento de aprendizagem que congrega diversas ferramentas suportadas pela *Web* e que permitem criar, desenvolver, acompanhar e gerir módulos de aprendizagem⁽¹⁰⁾.

Dentre os AVA livres, o *Modular Object Oriented Dynamic Learning Enviroment* (Moodle®) vem sendo usado por diversas instituições públicas e privadas. O Moodle é caracterizado como:

um Sistema *Open Source* de Gerenciamento de Cursos - *Course Management System* (CMS), também conhecido como *Learning Management System* (LMS) ou um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Tornou-se muito popular entre os educadores de todo o mundo como uma ferramenta para criar sites de web dinâmicos para seus alunos. Para funcionar, ele precisa ser instalado em um servidor web, em um de seus próprios computadores ou numa empresa de hospedagem⁽¹¹⁾.

A inclusão do ambiente virtual de aprendizagem como recurso educativo objetiva construir conhecimento e desenvolver competências e habilidades necessárias para a futura vida laboral no mundo globalizado. Nesse sentido, autores⁽¹²⁾ afirmam que o uso das TICs no processo ensino-aprendizagem aumenta a possibilidade de aprendizado. Como recurso complementar no ensino presencial, pode , estimular a autonomia, a capacidade de decisão, a responsabilidade, o respeito e o raciocínio crítico-reflexivo.

Para que essas competências e habilidades sejam desenvolvidas é necessário que o docente desempenhe o papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem, identificando a possibilidade de uso dos recursos da TIC como instrumento facilitador dess processo⁽¹³⁾.

A inclusão das ferramentas digitais no ensino de enfermagem pode possibilitar romper com o paradigma tradicional de ensino centrado no professor detentor do saber para um processo de ensino-aprendizagem fundamentado na mediação pedagógica e na construção do conhecimento.

Nesse sentido, autores apontam que a inserção da TIC no ensino de enfermagem pode suscitar a readequação das práticas pedagógicas, transformando-o em um processo dialético envolvendo o tripé educador, educando e objeto, sendo o professor o mediador desse processo⁽⁵⁾. Assim, a mediação pedagógica no ensino presencial ou a distância, implica em o professor auxiliar o aluno desenvolver a determinação, a autonomia e o interesse pelo aprender⁽¹⁴⁾.

A mudança da forma em que se dá o processo de educação e comunicação entre docente e discente acarreta em transformações na maneira de ensinar e aprender. Sendo assim, essas mudanças necessitam ser analisadas com base nas barreiras impostas pela tecnologia, pela linguagem usada para a mediação pedagógica e para a aprendizagem do aluno⁽¹⁵⁾.

Em um estudo⁽¹²⁾, que teve como objetivo analisar como se desenvolve a autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de Enfermagem, em contexto de aprendizagem mediado por *chat* educacional em AVA, os autores identificaram que para estimular os estudantes a buscar informações, transformar o conhecimento prévio e tomar decisões, o diálogo estabelecido pelo professor e a problematização foram fundamentais nesse processo.

Corroborando com essa visão, estudos⁽¹⁶⁻¹⁷⁾ ressaltam que o uso da *internet* e suas ferramentas aumentam e diversificam a possibilidade de comunicação com os professores e com os colegas de turma e de grupo.

A interação aluno-aluno apresenta-se como um momento produtivo na transformação do conhecimento, uma vez que os estudantes sentem-se à vontade para discutir o assunto com seus pares, e essa liberdade possibilitou a problematização e a busca de respostas aos questionamentos com base no conhecimento que já possuíam⁽¹²⁾.

A associação entre as características de competência social para interagir no meio acadêmico e o uso das ferramentas de comunicação do ambiente virtual, foram alvos de um estudo⁽¹⁸⁾ que identificou que a capacidade individual de socialização reflete no uso das ferramentas digitais de comunicação e que este fato pode interferir na forma como os estudantes interagem entre si.

Desta maneira, nos dias de hoje, a aula presencial ou virtual pode ser entendida como um reforço na interação dos sujeitos, sendo a mediação pedagógica fator preponderante para que esse processo tenha qualidade⁽¹⁴⁾. Entende-se que os ambientes virtuais oferecem a opção de criar relações sociais e profissionais, fator que têm sido um componente em falta de educação a distância⁽¹⁹⁾.

Em um estudo⁽¹³⁾ que objetivou, dentre outros, descrever as opiniões de estudantes quanto ao uso da tecnologia, os autores identificaram que os alunos alegam estar aptos e propensos ao uso dos recursos de informática no seu processo de formação.

Esse resultado reforça a concepção de que os ambientes de aprendizagem colaborativa mediados pela *internet* favorecem a motivação do estudante de enfermagem para a construção do conhecimento e possibilitam a inserção no mundo digital. Desta maneira, o ambiente virtual e as ferramentas da *internet* devem ser utilizados nos diversos conteúdos que compõem a formação do enfermeiro⁽¹⁷⁾.

No decurso da inserção das ferramentas digitais no ensino de enfermagem, fatores dificultantes são descritos e identificados na literatura, abrangendo dimensões institucionais à comunidade acadêmica e tecnológica como: número insuficiente de equipamentos em relação ao número de alunos, estudantes com habilidade insuficiente no uso do computador e das ferramentas digitais⁽²⁰⁾; dificuldade para acessar a informação em alguns momentos devido à problemas de conexão^(16;21); impedimento para acessar a rede quando a linha de telefone e acesso à Internet são compartilhados⁽²¹⁾; não disponibilização prévia de orientações ou textos para leitura, como preparação para as aulas presenciais e custos financeiros adicionais referentes à necessidade de imprimir outros textos, quando os materiais do módulo são alterados pelo professor depois que os alunos imprimiram o que havia sido disponibilizado previamente⁽²⁰⁾.

Estas descobertas têm implicações para as instituições de ensino, educandos e educadores de enfermagem, sendo importante investigar a proficiência dos alunos em relação ao uso da TIC antes de adotar tais recursos e reconhecer as diversas variáveis que influenciam o acesso dos estudantes ao ambiente virtual e consequente aprendizagem⁽²⁰⁾.

Esses estudos suscitam a necessidade da Instituição de Ensino prover equipamentos em relação ao efetivo de estudantes e manter uma banda de conexão compatível com o uso. Ainda, cabe considerar que o professor, ao adotar as ferramentas digitais como recurso de ensino, precisa identificar as variáveis que podem interferir no acesso do estudante ao AVA como, por exemplo, a pouca habilidade em relação às tecnologias, não dispor de equipamentos, ou mesmo dificuldade de conexão. Diante dessa realidade do mundo digital é preciso, portanto, refletir sobre os processos educacionais quando estamos mergulhando em um modelo pouco explorado, como o da TIC, que mostra diversos prismas que possibilitam a discussão do processo de inclusão dessas ferramentas, não somente como problema metodológico, mas como gerador de potencialidades que abrem novas possibilidades para produzir e desenvolver conhecimento⁽²²⁾, cujos quais facilitam e aprimoram a aprendizagem^(16-17;23), contribuem para a formação do enfermeiro⁽²³⁾ e permitem a avaliação dos alunos em situações simuladas⁽¹⁹⁾.

Nessa perspectiva, autores⁽¹³⁾ reforçam que os alunos entendem que a inserção do computador como recurso de ensino melhora o rendimento em termos de tempo e de aprendizado e favorece a autonomia e a participação ativa nas discussões dos temas propostos, assim como nas discussões com docentes e monitores. Compreendem, ainda, que a aprendizagem via *web* favorece o controle pessoal do aprendizado, facilita o planejamento e articulação com as atividades de casa, de trabalho e de estudo⁽²⁰⁾. Sendo assim, os cenários *e-learning* encaixam-se melhor ao conceito de aprendizagem flexível, pois o acesso às informações contidas na página pode ser realizado em qualquer lugar e em qualquer computador^(17;20-21), no momento mais conveniente^(20;23), além de permitirem que os alunos aprendam em seu próprio ritmo^(17;23).

Autores⁽¹³⁾ evidenciam que responsabilizar-se pelo próprio aprendizado pode estar relacionado à possibilidade do aluno transitar no ambiente virtual livremente.

Essa possibilidade desperta o interesse, instiga a buscar novos conhecimentos e estimula o desenvolvimento da capacidade de análise crítica em diversas situações simuladas. Este fato está relacionado à adoção da metodologia de aprendizagem baseada em problemas (*Problem Based Learning* – PBL) e dos objetos digitais de aprendizagem como recursos para o desenvolvimento do curso.

A Flexibilidade do ambiente virtual favorece a organização do aluno em relação às atividades propostas, ao acesso ao conteúdo de hipertexto, aos *links* dos artigos, às tarefas desenvolvidas por seus pares, à redução dos custos na aquisição de fotocópias⁽¹⁶⁾, ao retorno do material já estudado para rever conceitos e acesso a outros *sites* em *links* disponibilizados na plataforma, facilitando assim, a aprendizagem⁽¹⁷⁾.

Em relação às práticas educacionais vivenciadas no ambiente virtual, os estudantes conseguem associar conceitos e aplicar os conhecimentos construídos ao longo da disciplina para resolver os estudos de caso propostos no AVA e em outras disciplinas⁽¹³⁾, e percebem as ferramentas digitais como apoio à aprendizagem e comunicação⁽⁶⁾.

Nesse sentido, a literatura evidencia que as ferramentas da *internet* e os recursos tecnológicos favorecem a consecução dos objetivos⁽¹⁷⁾, permitem maior acesso à informação, auxiliam no acompanhamento e seguimento da disciplina⁽¹⁶⁾, possibilitam a prática de habilidades em ambiente seguro reduzindo riscos aos pacientes^(19;23) uma vez que aprendem e reforçam as habilidades em equipamentos e suprimentos que se assemelham aos objetos do mundo real⁽¹⁹⁾ e desenvolvem habilidades de tomada de decisão⁽²³⁾.

Os cenários de aprendizagem usados no ensino de enfermagem incentivam o desenvolvimento de habilidades para resolver problemas e a compreensão mais profunda do conteúdo aprendido⁽²³⁾.

A aprendizagem colaborativa permite aos alunos organizar e construir o conhecimento por meio do processo de automotivação, mudando o paradigma do estudante como um *ser passivo*, para um *ser ativo* no processo de aprendizagem. Desta maneira, o uso das ferramentas digitais na educação tem potencial para aumentar a aprendizagem por redefinição do repositório de conhecimento⁽¹⁹⁾.

O referencial filosófico de análise será a fenomenologia social de Alfred Schütz. O campo de observação da fenomenologia social, segundo Schütz⁽²⁴⁾, é o **mundo social**, que tem um sentido particular e uma estrutura de significados para os seres humanos que vivem, pensam e atuam dentro dele. Desta maneira, no **mundo social** se estabelece uma **relação face a face** entre o indivíduo e seus semelhantes e ambos podem compreender as ações uns dos outros, interagindo entre si. Embora esse entendimento tenha limitações, é o suficiente para muitos propósitos práticos⁽²⁴⁾.

A relação **face a face** constitui-se a partir das relações e interações sociais que ocorrem entre os sujeitos em um mesmo tempo e espaço. Quando se colocam disponíveis e, portanto, abertas uma a experiência direta da outra, dizemos que estão na situação "face a face". A situação **face a face** pressupõe um sincronismo real e direto de experiências entre ambos dentro de um mundo social⁽¹⁾. Assim, os conceitos que norteiam a fenomenologia social de Schütz estão pautados na compreensão do **mundo da vida** e buscam, através dos fundamentos das ciências humanas analisar a intersubjetividade da vida habitual de indivíduos comuns.

As experiências vividas cotidianamente no convívio diário com familiares, com pessoas em geral, no desenvolvimento de atividades laborais, no planejamento de sua vida e de seus afazeres, ou simplesmente quando observa ou manipula objetos, caracterizam o **mundo da vida** de um indivíduo⁽¹⁾.

A **vida cotidiana**, portanto, inclui o mundo intersubjetivo no qual uma pessoa adulta e consciente age como um entre os seus semelhantes. Esse mundo que já existia antes do seu nascimento, e foi experimentado e interpretado como um mundo organizado por outros que o precederam, agora lhe é oferecido à experiência e interpretação⁽²⁴⁾.

Schütz focou o **mundo da vida** em três perspectivas: a primeira é a **atitude natural**, a segunda é a **situação biográfica determinada** e a terceira é a **experiência armazenada ou estoque de conhecimentos que tem à mão**.

Cada pessoa, durante toda a sua vida, vivencia diversas situações e interpreta-as conforme seus interesses particulares, seus desejos, aspirações, crenças e valores ideológicos e religiosos. Na fenomenologia social, o objeto de

estudo é o ser humano que enxerga o mundo a partir de uma **atitude natural**. Nascido em um mundo social, ele encontra seus semelhantes e assume a existência deles, bem como aceita a existência de objetos naturais sem questionar⁽¹⁾.

A **atitude natural** é desenvolvida pelo indivíduo à medida que este convive com seus semelhantes desde o nascimento e apreende as crenças, valores éticos e morais da sociedade em que está inserido. A apreensão desse conhecimento faz com que ele aceite esses comportamentos como naturais e verdadeiros, pois identifica seu espaço físico, estabelece relações sociais e absorve a cultura, incorporando esses conhecimentos na sua vida e determinando a sua situação biográfica⁽²⁵⁾.

Mundo do senso comum, mundo da vida cotidiana, mundo cotidiano são expressões usadas como sinônimos para indicar o mundo intersubjetivo experimentado pelo homem, no que se chama de "**atitude natural**"⁽²⁵⁾.

A realidade do **senso comum** é dada em formas culturais e históricas como verdade absoluta, mas a forma como essas verdades se manifestam na vida de um indivíduo depende das experiências que este fez ao longo de sua vida concreta. Essas experiências apresentam-se de duas formas básicas: as que são controladas ou podem chegar a ser controladas e as que estão fora do alcance e não podem ser controladas. Atuando no mundo, o indivíduo tenta mudar e alterar o cenário das suas atividades⁽²⁵⁾.

A **situação biográfica** define a forma de localizar a cena de ação, interpretar o seu potencial e enfrentar ou não seus desafios para modificá-la. Essa experiência vivida e sedimentada interfere no desenvolvimento de atividades futuras. Desta forma, "o mundo" é transportado para o "mundo do indivíduo", conforme os elementos significativos da sua situação biográfica, assim o indivíduo enquanto ator social define a realidade do mundo em que se encontra⁽²⁴⁾.

Embora a realidade do senso comum forme a matriz de toda ação social, cada indivíduo se situa na vida de uma maneira específica, configurando assim, a sua situação biográfica⁽²⁴⁾. A **situação biográfica**, portanto, é constituída por todas as experiências vividas pelo ser humano nas diversas situações.

Essas experiências vividas estão diretamente relacionadas ao nosso interesse a mão, e se caracterizam como relevâncias. As relevâncias podem ser fundadas em nossas escolhas pessoais nominadas como intrínsecas, ou ainda podem ser compreendidas como não relevantes, sendo assim, são consideradas impostas.

As **relevâncias intrínsecas** são decorrentes de nosso interesse a mão e estabelecida por nossa vontade e interesse para resolver um problema e alcançar um objetivo, por meio da nossa ação ou ainda, de tornar concreto o que foi projetado⁽²⁵⁾. No entanto, quando as relevâncias não fazem parte de nosso interesse a mão, apresentam-se como **relevâncias impostas**, uma vez que se nos impõe como situações e eventos relevantes que não estão relacionados com os nossos interesses, desta maneira, não podemos modificá-las por meio de nossas atividades espontâneas, exceto transformando-as em relevâncias intrínsecas⁽²⁵⁾.

Qualquer interpretação do **mundo vida** é baseada em uma riqueza de experiências prévias sobre ele, que são nossas e foram transmitidas por pais e professores, essas experiências servem como um quadro de referência na forma de "**conhecimento a mão**"⁽²⁴⁾.

O **estoque de conhecimentos que o indivíduo tem à mão** norteia sua ação nas situações de vida e permite, assim, a compreensão das experiências vividas. Desta maneira, a compreensão do mundo se dá a partir do estoque de conhecimentos à mão, esse estoque de conhecimentos possibilita a percepção da familiaridade caracterizada pela tipicidade de determinado objeto e essa **tipicidade** será confirmada ou não⁽²⁵⁾.

A ausência de conhecimento à mão faz com que o indivíduo, **estrangeiro** em mundo social, que tenta ser aceito ou ao menos tolerado pelo grupo do qual se aproxima, assemelhe-se a imigrante que desconhece o padrão cultural de um determinado grupo do qual se aproxima⁽²⁴⁾.

Deste modo, as ciências sociais devem estar voltadas para a análise da conduta humana e interpretação do senso comum na realidade social, dos projetos e dos motivos que dão significado a essas construções sociais. Essa análise se refere necessariamente a uma interpretação intersubjetiva para a identificação do **tipo**

vivido, assim, intersubjetividade é um princípio fundamental para a **tipificação da realidade social** de um indivíduo⁽²⁴⁾.

A ciência social, portanto, detém-se a estudar a conduta social, interpretando seu significado intersubjetivo tal como se encontra nas intenções do indivíduo. O propósito então é interpretar as ações dos indivíduos no mundo social e a forma como essas ações dão significado aos fenômenos sociais. Para atingir este propósito, não é suficiente observar a conduta de um único indivíduo ou reunir dados estatísticos acerca de um grupo de indivíduos como acredita a ciência empírica⁽¹⁾.

Essa busca pelo fenômeno faz emergir então os **motivos-para** e os **motivos-porque**. Conforme Schütz⁽¹⁾ o **motivo-para** explica a ação do indivíduo em relação aos seus projetos idealizados como algo executado, e o **motivo-porque** explica o projeto em função das vivências passadas do indivíduo enquanto ator social.

As ações de um ator social são determinadas em função de sua consciência temporal interna, sendo que toda ação é realizada como um projeto e é voltada para um ato futuro imaginado como um projeto já executado. A **unidade de ação**, portanto, constitui-se exclusivamente mediante esse projeto, cuja amplitude pode ser muito diferente, dependendo de como foi planejada pelo indivíduo no seu **contexto motivacional**⁽¹⁾.

O **contexto motivacional** entendido como o contexto de significados dentro do qual uma ação é, em virtude de seu status, estabelecida como um projeto ou ação de um determinado ator. Em outras palavras, o ato é projetado voltado para o tempo futuro, caracterizando assim o "**motivo para**" (Um-zu-Motiv) do ator⁽¹⁾.

O **motivo porque** está relacionado aos motivos que levaram o indivíduo a executar determinada ação, por isso se caracteriza como uma ação passada. Assim, desvelar o **motivo porque** só é possível depois que o fato efetivamente aconteceu⁽¹⁾.

A **unidade de ação** é subjetiva em seu "**fundamento mesmo**" e depende do "**aqui e agora**" que o projeto é formulado. Portanto, a base significativa de uma ação, que é apreendida como uma unidade, é sempre e apenas referente ao **aqui e agora do indivíduo** enquanto ator social⁽¹⁾. Assim, o sentido subjetivo de uma ação

é único e individual, porque tem origem na situação biográfica única e pessoal do ator⁽²⁴⁾.

OBJETIVO

Compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Região de inquérito

A região de inquérito na pesquisa fenomenológica, não diz respeito propriamente a um espaço ou ambiente físico, mas ao contexto conceitual. É o mundo social vivido, onde o **mundo vida** estabelece-se através das ações dos sujeitos e desvela o fenômeno. É o local onde se revelam as inquietações do pesquisador.

Neste estudo, a região de inquérito é constituída por estudantes de enfermagem de uma universidade privada do município de São Paulo. O recorte para a escolha dos sujeitos ocorreu a partir do ano de 2010, quando foi implantado o currículo 4.000 horas pautado no marco conceitual do Ensino para a Compreensão – EpC e iniciado a vivência no uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle® no processo ensino-aprendizagem.

Preceitos éticos da pesquisa

Após a realização do Exame de Qualificação (EQ) o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP e da Universidade Cidade de São Paulo - UNICID, tendo sido aprovado em dezembro de 2012 CAAE 07725812.5.3001.0064, conforme determina a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), quando da pesquisa com seres humanos, vigente na época em que este estudo foi submetido à análise do Comitê de Ética e Pesquisa, tendo sido revogada posteriormente com a promulgação da Resolução 466/12.(Anexo 1) (Anexo2) (Anexo3)

Para a coleta de dados, solicitamos a autorização da Sra. Coordenadora do curso de graduação em Enfermagem da instituição onde o estudo foi desenvolvido,

quando então nos comprometemos em manter o anonimato dos sujeitos e divulgar os resultados da pesquisa, tendo sido aprovada. (Apêndice1) (Apêndice 2)

Para garantir o anonimato dos participantes definimos que seria atribuído um codinome a cada graduando e a opção pelo nome de flores deu-se após a 16ª entrevista, quando, ao preencher os dados de caracterização no instrumento de coleta, a estudante escreveu “Rosa Vermelha” no espaço destinado ao codinome. Questionada sobre esse codinome, ela respondeu que era sua flor preferida, assim, em sinal de respeito e de agradecimento pela sua participação, adotamos nome de flores para cada um dos sujeitos.

Coleta de dados

Após aprovação do projeto pelo CEP, foi realizado um contato prévio com os sujeitos, quando então explicamos a finalidade da pesquisa e verificamos o interesse em participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada no mês de dezembro de 2012, por meio de entrevista realizada em data, local e horário, de acordo com a preferência de cada participante.

Antes da coleta de dados, entregamos ao sujeito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo qual foi lido em voz alta pelo pesquisador e a leitura acompanhada pelo pesquisado. Após a leitura, o TCLE foi assinado em duas vias, sendo uma entregue ao participante e outra permanecendo em poder do pesquisador. (Apêndice 3)

Os depoimentos dos participantes foram precedidos por uma breve caracterização dos graduandos e norteados pelas seguintes questões: 1) Como tem sido sua vivência no uso da plataforma Moodle® na sua formação de enfermagem?; 2) Como tem sido sua participação na realização das atividades no AVA?; e 3) O que você espera com o uso do AVA para a sua formação em enfermagem?.(Apêndice 4)

Os sujeitos da pesquisa

A pesquisa qualitativa na linha da fenomenologia social não se detém na busca de números ou valores que mostrem a importância de um determinado evento ou situação, mas sim, está voltada para desvelar os fenômenos do mundo vida. Dessa forma, o número de sujeitos não foi definido previamente, pois na busca do fenômeno, a coleta se encerra quando as inquietações foram respondidas.

Este estudo está voltado para a compreensão da vivência dos estudantes de um curso de graduação em Enfermagem no uso do AVA. Foram entrevistados 20 alunos, desses, foi excluído um discurso por não responder as inquietações da pesquisa. A caracterização dos sujeitos que definem a situação biográfica dos graduandos que fazem parte do estudo estão apresentadas a seguir:

Entrevista nº 1 - Codinome: HIBISCO, 42 anos de idade, masculino, cursando o 3º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz não participar nem fazer uso das redes sociais de comunicação, no entanto usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 2 - Codinome: ACÁCIA, 26 anos de idade, feminino, cursando o 1º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, raramente, e *Facebook*® uma vez por semana. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona, *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 3 - Codinome: AMARÍLIS, 21 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum* e *Facebook*®, ambos uma vez por semana. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 4 - Codinome: GIRASSOL, 33 anos de idade, masculino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de

Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, diariamente, *Chat*, raramente, *Facebook*[®], diariamente e *Orkut*[®], raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência e na empresa onde trabalha.

Entrevista nº 5 - Codinome: GARDÊNIA, 44 anos de idade, feminino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, diariamente, *Chat* uma vez por semana e *Facebook*[®] diariamente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso a *internet* na residência.

Entrevista nº 6 - Codinome: LÍRIO, 39 anos de idade, masculino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana, *Chat*, uma vez por semana, *Facebook*[®], diariamente e *Orkut*[®], quinzenalmente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência e na empresa onde trabalha.

Entrevista nº 7 - Codinome: ALFAZEMA, 32 anos de idade, feminino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana e *Facebook*[®], diariamente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, uma vez por semana, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 8 - Codinome: CAMÉLIA, 29 anos de idade, feminino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana, *Chat*, raramente, *Facebook*[®], uma vez por semana, e *Orkut*[®], raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência e acesso à *internet* no celular.

Entrevista nº 9 - Codinome: BEGÔNIA, 33 anos de idade, feminino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, raramente, *Chat*, raramente, *Facebook*®, diariamente, e *Orkut*®, raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 10 - Codinome: ANGÉLICA, 37 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana, *Chat*, diariamente, e *Facebook*®, diariamente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência e na empresa onde trabalha e acesso à *internet* no celular.

Entrevista nº 11- Codinome: MAGNÓLIA, 19 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 12 - Codinome: MARGARIDA, 19 anos de idade, feminino, cursando o 3º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Chat*, raramente e *Facebook*®, diariamente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, tem computador com acesso à *internet* na residência. Esta entrevista foi excluída, pois as respostas foram monossilábicas e referentes ao uso da internet. Quando questionada sobre como tem sido a participação na realização das atividades no AVA a resposta foi “não sei responder”.

Entrevista nº 13 - Codinome: AZÁLEA, 29 anos de idade, feminino, cursando o 4º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de

comunicação Facebook[®], diariamente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 14 - Codinome: TULIPA, 28 anos de idade, feminino, cursando o 4º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação Orkut[®], raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 15 - Codinome: ANTÚRIO, 33 anos de idade, masculino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar/fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana, Facebook[®], diariamente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência e na empresa para a qual trabalha.

Entrevista nº 16 - Codinome: ROSA VERMELHA, 35 anos de idade, feminino, cursando o 5º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana, Orkut[®], raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, uma vez por mês, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 17 - Codinome: VERÔNICA, 31 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência e na empresa para a qual trabalha.

Entrevista nº 18 - Codinome: VIOLETA, 36 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Chat*, diariamente, Facebook[®], diariamente, Orkut[®], raramente e

LinkedIn[®], raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, raramente, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 19 - Codinome: HORTÊNSIA, 40 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, quinzenalmente, *Chat*, quinzenalmente, *Facebook*[®], diariamente, e *Orkut*[®], raramente. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail* diariamente, tem computador com acesso à *internet* na residência.

Entrevista nº 20 - Codinome: ORQUÍDEA, 34 anos de idade, feminino, cursando o 6º semestre de graduação em Enfermagem. Quanto ao uso de Tecnologias da Informação e Comunicação diz participar ou fazer uso das redes sociais de comunicação *Fórum*, uma vez por semana, e *Facebook*[®], uma vez por semana. Usa a ferramenta de comunicação assíncrona *e-mail*, diariamente, e tem computador com acesso à *internet* na residência.

A análise compreensiva

A análise foi realizada à luz do referencial da fenomenologia social de Alfred Schütz. Para tanto, após a obtenção dos discursos dos sujeitos seguimos os seguintes passos:

- Leitura metódica, contínua e exaustiva dos discursos para identificar as unidades de significado.
- Identificadas as unidades de significado a partir do *software* NVivo[®].
- Analisadas, agrupadas e codificadas as unidades de significado para compor as categorias que representam o tipo vivido dos sujeitos.
- Estabelecidas as categorias dos tipos vividos, buscamos os **motivos para** e os **motivos porque** expressos pelos estudantes do curso de graduação em Enfermagem.
- Construção do tipo vivido dos estudantes do referente curso.

RESULTADOS

A busca pela compreensão da vivência e o uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) dos graduandos de enfermagem, na sua formação como enfermeiro, fez emergir dos discursos os **motivos porque** e os **motivos para**, que permitiram a construção das categorias concretas do vivido: “**vivência no ambiente virtual de aprendizagem**” e “**expectativa dos estudantes em relação ao ambiente virtual de aprendizagem para a formação em enfermagem**”.

A categoria “**vivência no ambiente virtual de aprendizagem**” agrupa as vivências passadas caracterizadas como **motivos porque**, e constituem a primeira categoria apresentada neste estudo. Nessa categoria, emergiram os temas **mediação pedagógica, interação aluno-aluno, inclusão digital, habilidades tecnológicas, limitações tecnológicas, gerenciamento pessoal para aprendizagem e construção do conhecimento**.

A categoria “**expectativa dos estudantes em relação ao ambiente virtual de aprendizagem para a formação em enfermagem**” agrupa as expectativas futuras caracterizadas como **motivos para**, que emergiram dos seguintes temas: **aprender e fazer a diferença no futuro, ampliar conhecimentos construídos previamente e aperfeiçoar o conhecimento no uso das ferramentas digitais**.

Categoria : VIVÊNCIA NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Essa categoria congrega uma estrutura de acepções que, de acordo com Schütz⁽²⁵⁾, emergem do mundo social de cada um dos participantes deste estudo e tem um sentido particular além de uma estrutura de significados próprios para os estudantes que vivenciaram, pensaram e atuaram dentro dele. Dessa forma, os temas que emergiram nessa categoria foram:

Mediação pedagógica

Os estudantes evidenciam que a **mediação pedagógica** no AVA acontece de maneira assíncrona por meio do correio eletrônico e síncrona quando agendam um horário para conversar com o professor e esclarecer as dúvidas.

Na percepção de Magnólia, nos módulos estritamente *on-line*, o professor deveria passar na sala de aula para esclarecer dúvidas, pois a dificuldade na compreensão da atividade faz com que o estudante simplesmente reproduza conteúdos, copiando e colando, sem compreender efetivamente o assunto que está estudando.

[...] também tem a opção de quando você tem uma dúvida e não consegue resolver por si só, aí você pode entrar em contato com o professor [...] você envia uma mensagem *pro* professor, caso ele não consiga resolver tanto por mensagem, ou até mesmo por um e-mail, você pode agendar um dia uma hora para tirar as dúvidas pessoalmente, caso você não consiga resolver a sua dúvida dentro daquela atividade que você tá fazendo (Rosa Vermelha).

[...] você esclarece mais suas dúvidas, o que você tem dúvida, você acaba esclarecendo lá (na plataforma) e tirando alguma coisa com o professor na sala de aula, então, por esse motivo, se torna mais interessante (Violeta).

[...] porque qualquer dúvida que a gente tenha, ele está ali do nosso lado “pra” mostrar *pra* gente qual o caminho a seguir (Amarílis).

[...] influencia de forma positiva, só precisaríamos mesmo ter um pouquinho mais de contato com o professor *né*, isso eu acho que é a maior dificuldade de muitos alunos, porque muitos alunos sempre reclamam da mesma coisa, o professor não está aqui, o professor não tira dúvidas, manda uma mensagem *pro* professor *on-line*, o professor vai responder um dia, dois dias depois, e aí *pra* você já não interessa mais, porque a atividade já fechou [...] (Magnólia).

[...] o contato que você tem com o professor também, no caso, é *on-line*, só que muitas, muitas vezes, assim, você tem uma dificuldade imensa de falar com o professor porque são muitas atividades, são muitos alunos, então, eu, pelo menos, não consigo tirar uma dúvida, sabe, marcar com o professor e tirar uma dúvida [...] (Magnólia).

[...] como não tem a participação do professor, então você não tem como tirar a sua dúvida, ah, como eu devo fazer? Assim está bom? Está certo assim? Então você faz aquilo que você acha que tem que ser feito e você também tira a nota que o professor acha que tem que dar (Magnólia).

[...] como as atividades são de segunda a domingo, eu acho que o professor deveria passar na sala de aula pra tirar dúvidas dos alunos, assim, na segunda-feira *né*, antes de postar nova atividade, ver qual é a dúvida, ou o professor ali quando corrigir o texto, ver se alguma coisa ficou de errado, chegar no aluno e falar, olha isso não tá bom, pode melhorar, tirar dúvidas [...] (Magnólia).

Muitas vezes o aluno tem dificuldade pelo conteúdo, não sabe como fazer, muitas vezes copia e cola, porque *tá lá...* [...] (Magnólia).

Apesar das dificuldades com a mediação assíncrona, é possível identificar, nos discursos, a **interação aluno-aluno** como um momento de apoio e estímulo. O apoio dos pares efetiva-se no convívio diário em sala de aula e favorece as relações de amizade, cujas quais se configuram como preocupação com o desenvolvimento dos colegas no AVA e o auxílio para superar as dificuldades no manejo das ferramentas digitais para, assim, conseguir realizar as atividades.

[...] no meu caso, por exemplo, que eu sou solteiro, sou sozinho, às vezes não tenho disponibilidade de tempo, mas assim que eu tenho tempo eu falo. Olha... converso com meus colegas de sala... eles falam “Não, LÍRIO, tem uma atividade que vai vencer domingo que vem”, então eu já vou me preparando pra até domingo fazer essa atividade, pra não deixar pra domingo, ou deixar sem fazer. Então eu me programo uma hora, ou minha folga, ou à noite antes de dormir, pra fazer aquela atividade, pra que não vença o período ou o prazo (Lírio).

Também, alguns colegas, assim bem... bem cooperantes, preocupados, porque sempre tem aquele que tem mais facilidade, mais interatividade, então foi... foi legal, porque a gente acabou descobrindo que têm pessoas que se preocupam com a gente e ajudam também (Orquídea).

[...] eu tive muita sorte, em todas as turmas... as duas turmas que eu entrei... Eu tive que trancar um semestre, e depois eu voltei... mas eu tive muita sorte com as minhas turmas, são pessoas muito maravilhosas, principalmente os grupos dos quais a gente tem dentro da sala, as dificuldades que eu tive, eles me ajudaram bastante (Hortênsia).

Inclusão digital

A **inclusão digital** pode ser apreendida nos discursos dos graduandos ao revelarem que as dificuldades com o uso e acesso a tecnologia foram superados à medida que se confrontavam com a necessidade de utilizar o AVA para a construção do conhecimento.

[...] depois que eu comecei a estudar, eu vi que eu tinha que evoluir, então assim, eu tinha computador em casa, eu tinha *internet*, eu tinha tudo, mas quem usava era minha filha e meu marido. Pra mim era uma peça que fazia parte da minha decoração de casa (riso), mas depois que eu comecei a estudar, eu vi que assim... que eu tinha que mudar aquilo, e a minha filha me ajudou muito, no início, ela que me... me deu suporte básico, e depois eu tive que fazer um curso [...] (Hortênsia).

[...] a plataforma ajudou bastante, porque ela me forçou a buscar um conhecimento, e hoje eu ganhei uma habilidade que eu não tinha, né... de certa forma, que... que... fora do curso de enfermagem, que a informática *num... num...* tem muito a ver, mas acaba ajudando bastante (Alfazema).

[...] eu não fiz curso de informática, não fiz nada, no início, assim, eu tinha muita dificuldade de usar o computador, mas foi um incentivo (a plataforma) que eu fui procurar me atualizar, resolvi fazer um (curso) básico assim, pra eu conseguir interagir, então assim, pra mim, na minha formação tá sendo um diferencial, porque através da plataforma eu tive que escolher uma... tive que optar fazer uma outra coisa, ter que ir pra informática, pra eu saber realmente usar a plataforma. (...) minha filha (me ajudou), assim, não que eu não tivesse computador em casa, é que eu nunca me interessei, não gosto mesmo! Eu uso o computador pra estudar, só, e olhar os *e-mails*, porque faz parte também né? (Hortênsia).

Não, porque eu fui atrás, quando eu vi que estava com dificuldade, eu fui atrás mesmo do professor né? Porque eu não tava conseguindo acessar, e até mesmo com os colegas de sala de aula que me explicaram como acessar, então assim, eu não perdi nada porque eu fui atrás pra ver... eu sabia que tinha dificuldade, então eu fui atrás pra ver (Violeta).

Falta de conhecimento de informática mesmo, porque eu não tenho assim, muito acesso ao computador, nunca trabalhei com computador, e nunca tive muita paciência pra mexer com isso. Então, o começo foi por falta de conhecimento mesmo de não saber usar o computador (Alfazema).

[...] eu não vou ver mais o computador como um bicho de sete cabeças, coisa que eu via, é a visão que eu tinha antes, me ensinou a mexer, então isso vai me ajudar muito, porque hoje está tudo sistematizado nos hospitais [...] (Orquídea).

[...] pra mim, o acesso era difícil, eu tinha que ficar perguntando como que eu entro em tal página, agora... eu já enfrento já (Tulipa).

[...] dá pra executar (as atividades). Antigamente não, por não saber mexer, mas hoje em dia, por ter esse conhecimento, a gente consegue desenvolver mais (Violeta).

[...] eu não tinha muita familiaridade com computação, com a informática, então, isso que foi complicado, mas a partir do tempo que eu comecei a desenvolver, a mexer e também a praticar, as coisas “começou” a ser mais fácil, começou a desenrolar, isso que foi complicado, agora, hoje em dia já dá pra levar bem melhor, já dá pra entender e cada vez mais se comunicar através da plataforma mesmo, o que antes era dificuldade (Antúrio).

O início foi bem difícil usar a plataforma porque eu não tinha muito conhecimento em informática, mas aí conforme fui evoluindo, fui aprendendo... e... mexendo mesmo, e aí... e agora eu consigo usar desse recurso bem legal (Alfazema).

Ah, no começo eu tinha dificuldade pra saber onde é que eu via minha nota, como que fazia pra acessar o fórum, como que fazia pra mandar (...) as mensagens, então eu tive um pouco de dificuldade no começo, depois eu vi que era bem fácil, e conforme você vai mexendo... “fuçando”... você vai... descobrindo ferramentas novas né, que no começo eu não achava, não sabia mexer, mas aí, depois foi... depois que você conhece se... você se familiariza. Fica mais fácil né (Begônia).

Habilidades tecnológicas

Evidencia-se nos discursos que os graduandos desenvolveram **habilidades tecnológicas** no uso das ferramentas digitais, construindo conhecimento necessário para a sua formação tecnológica como enfermeiro. Desta maneira, a inserção no mundo tecnológico traz ganhos pessoais e profissionais.

Como que eu fiz pra superar? Foi frequentar mais a plataforma, que nem antes, como eu falava, eu não tinha tanta familiaridade com a informática, tive que começar a frequentar mais, porque é o que vai pedir daqui pra frente (Antúrio).

[...] no mundo em que nós estamos hoje... atualmente, o enfermeiro tem que ter conhecimento de informática, nesse sentido, saber acessar bem o computador [...] (Lírio).

[...] no início, aprender a lidar mesmo com a plataforma, saber é... como que... como que tinha que fazer as coisas, modo de formatação, como enviar arquivos, coisas básicas que eu não tinha mesmo esse convívio de mexer tanto em computador, *internet*, então eu acho que era uma dificuldade mais minha, não tanto da plataforma, mais minha mesmo como pessoa (Orquídea).

Além de você “tá” atualizado no... no que tá acontecendo né? E aquele acesso que você tem, que nem no caso, quem não tem acesso (experiência) ao computador e a *internet*, acaba aprendendo mais com isso (Violeta).

[...] aquele estudante que nunca usou a *internet*, agora aqui na faculdade ele tem a oportunidade de já começar a trabalhar pra aprender [...] (Lírio).

[...] então eu acho que a plataforma é bem... bem dinâmica, muito fácil de usar. Acho que isso é uma coisa que facilita bastante mesmo, não é difícil de manusear né, de, “tá” enviando trabalho, de “tar” participando dos fóruns (Alfazema).

[...] hoje eu já sei fazer uma pesquisa, eu já sei procurar um artigo, então, pra mim, foi muito importante, me ajudou muito em todos os sentidos, porque eu tinha o básico, agora eu já sei um pouco mais (Violeta).

Ah, contribuiu porque agora assim, é... você começa a mexer, você começa a saber, ah, assim, tudo agrega né, tudo melhora. Então, assim, agora eu... eu tenho mais facilidade pra fazer slide, mais facilidade pra mexer nos vídeos, coisa que não mexia muito antes, eu não era muito interessada, entendeu? [...] (Begônia).

[...] hoje eu não tenho dificuldade nenhuma, eu estava conversando com a menina ali neste instante, que ela falou “ah, eu não consegui formatar o meu projeto”, e eu falei “nossa, e eu consegui formatar, eu mesma fiz tudo” (risos). Então, assim, já foi um grande avanço (risos) (Hortênsia).

Limitações tecnológicas

Os discursos trazem, ainda, as **limitações tecnológicas** relacionadas à dificuldade de conexão como problemas com o *login* e senha de acesso, queda da energia e consequente perda da na conexão com a rede e o bloqueio de algumas atividades de avaliação que permitem um único acesso para sua realização.

[...] às vezes é difícil acessar... às vezes você digita ali né, sua senha, seu nome, não entra, às vezes da uma dificuldade de acesso... [...] (Magnólia).

[...] às vezes, quando você vai digitar o *login*, às vezes não entra, e muitas vezes você vai entrar na atividade, que nem assim: tem a atividade e tem a prova, se você entrar ali na prova sem querer, se a prova é uma chance, se você sair dali, você já perdeu sua chance da prova (Magnólia).

[...] eu acho que pelo menos uma chance, mais uma chance, porque assim que começou essas atividades, muita gente teve problema de acesso, então, no começo, os professores estavam dando ainda uma chance assim, só que aí, quando vai começando a passar, eles acham que o problema acaba, e agora a mesma ladainha, toda vez a mesma coisa? Só que muitas vezes você tem problema de acesso (Magnólia).

[...] é um pouquinho difícil, porque às vezes você “tá” fazendo ali, acaba a força, desliga o seu computador, se era aquela chance que você tinha, você já perdeu, né? (Magnólia).

Gerenciamento pessoal para aprendizagem

Dos discursos emergiram a necessidade do **gerenciamento pessoal para aprendizagem**, visando organizar o tempo de descanso ou lazer em contraposição à ausência de um período livre na grade para realizar as atividades propostas. Desta maneira, os discursos evidenciam que o AVA é uma ferramenta flexível e que permite ao estudante gerenciar seu tempo de acordo com sua disponibilidade.

Quando comparam a realização de atividades no AVA com a realização de atividades presencialmente em sala de aula, percebem que as atividades no ambiente demandam um tempo maior para a realização.

[...] por eu trabalhar todos os dias e chegar, às vezes, tarde, eu não tenho ido com muita frequência assim, mas assim que, no dia seguinte em que eu estou de folga, ou os dias que eu chego mais cedo em casa, eu entro pra saber se tem alguma coisa lá (na plataforma) disponível, o que eu vou fazer amanhã [...] (Hibisco).

[...] principalmente no meu caso né, casada, mãe de filhos, trabalho fora... de ser estudante, é bem corrida a minha vida, então, assim, tudo o que eu

vou fazer, eu tenho que me programar. E a plataforma, quando eu tenho que usar, eu tenho que ter aquele tempo disponível (Hortênsia).

[...] dificuldade de acesso não tenho nenhuma, é mais assim uma falta de regra pra acessar todos os dias e cumprir o que está determinado lá, porque você sempre... como você pode acessar a qualquer momento, você sempre acaba deixando pra depois e... pra depois... até que, às vezes, você perde o prazo (Girassol).

[...] é uma dificuldade que a gente tem mesmo, fora da universidade, encaixar tempo pra poder realizar essas tarefas, é muito difícil (Girassol).

[...] você consegue aprender, porque você... principalmente a gente que não tem muito tempo, não é, a gente tem que... pra fazer esse estudo, pra entrar na plataforma, você tem que disponibilizar um tempo, e assim, só em você saber que você tem essa atividade pra ser realizada, então se você se programa tudo bonitinho, pra você ter esse tempo de poder disponibilizar, então assim, é significativo por isso, porque é mais um compromisso que a gente tem que ter (Hortênsia).

[...] eu acho que facilita bastante porque a gente adapta aos nossos horários, [...] (Verônica).

[...] demanda um tempo maior, não é o mesmo tempo da sala de aula né, mas demanda um tempo maior e uma responsabilidade maior (Verônica).

Me programo direitinho com as datas, os horários certos, e consigo fazer todas as atividades (Hortênsia).

De não ter horário certo pra “tá” cumprindo tal tarefa, às vezes eu fazia as tarefas que estão na plataforma às dez horas da noite no domingo, coisa que na universidade (presencial), jamais eu conseguiria esse horário (Acácia).

[...] em casa ou no trabalho, você não consegue ter o tempo exclusivo pra se dedicar ao exercício que tem na plataforma... o telefone toca... a esposa chama... às vezes você quer fazer a tarefa vendo TV, e a TV está mais interessante... e aí atrapalha. Eu falo TV, mas não é só TV... é o que passa... é a programação que te chama atenção, ou você está na internet, aí você abre um link paralelo... você tá no *facebook*®, alguém te chama, você conversa... aí já dispersa do seu raciocínio de fazer o exercício, e fazer a tarefa, ou de fazer a leitura que você tava lendo. Eu falo falta de disciplina nesse sentido. Outra atividade acaba te chamando a atenção e você deixa de fazer o que tem que fazer (Girassol).

[...] esse semestre eu percebo que estou mais engajada, nos semestres anteriores, geralmente eu deixava tudo pra última hora, então, eu tento já entrar no começo... geralmente eu sou a primeira a postar nos fóruns, essas coisas, coisa que nos semestres passados eu deixava tudo pra última hora que eu achava assim, ah, sabe assim... podia esperar, então eu prefiro já tirar da frente, já fazer logo primeiro, porque... uma porque eu tenho uma... uma maior, assim, eu posso fazer em qualquer horário, posso fazer de madrugada, o horário que eu quiser, então assim, eu tenho mais tempo pra fazer, então eu utilizava isso nos outros semestres, como eu tenho mais tempo, eu deixava tudo pra última hora [...] (Begônia).

[...] eu tenho por hábito de não deixar as coisas pra cima da hora, então assim que tinha alguma atividade, eu já procurava fazer, se eu tinha alguma dificuldade, eu já procurava o professor justamente pra não deixar que atrasasse (Orquídea).

[...] a gente tem o compromisso de entrar, pra ter... pra primeiro ver... eu pelo menos, divido em umas três vezes por semana, porque primeiro eu vejo as atividades, depois eu leio os textos e faço as pesquisas, depois eu faço as atividades e mando (Verônica).

[...] precisei me organizar assim... até pra ter o hábito de abrir diariamente a plataforma, coisa que a gente não tinha essa obrigação até por conta da estrutura de colegial (ensino médio), então assim, você termina criando o hábito de... todos os dias olhar pra ver se tem alguma coisa nova, se precisa postar alguma coisa, então você meio que se organiza, você se condiciona à aquilo todos os dias, eu tenho esse hábito, criei (Orquídea).

[...] eu prefiro as aulas na sala de aula, porém, na plataforma, faz com que a gente estude mais, porque a gente tem que fazer mais pesquisa [...] (Verônica).

Acho que pela facilidade da plataforma mesmo, por ser um recurso fácil de usar né, ... já têm os links onde a gente entra e... consegue tanto postar trabalho, ou mandar alguma coisa do Word [...] (Alfazema).

[...] às vezes um assunto que é abordado na sala de aula, lá (na plataforma Moodle) é bem mais detalhado, [...] (Violeta).

[...] às vezes você na sala vê uma explicação, anota a sua impressão daquilo e não vai buscar os textos, entendeu? E já lá na plataforma, já tem tudo ali pra você ler e pronto, ler e digerir né (risos), então isso que ajuda né? [...] (Begônia).

Você tem que estudar, você tem que ler, assistir tudo o que é proposto lá, dentro disso você faz suas atividades tranquilo (Gardênia).

[...] você pode acrescentar mais, você consegue absorver muito mais do que em sala de aula [...] (Rosa Vermelha).

[...] a gente absorve mais conteúdo e mais informações ao mesmo tempo (Tulipa).

[...] eu obtive mais conhecimento em determinados assuntos estudando na plataforma, do que até mesmo em sala de aula, porque a gente se limita a anotar o que o professor fala (Verônica).

Eu acho muito interessante a plataforma Moodle®, acrescentou bastante no meu conhecimento [...] (Azálea).

Tem sido bastante positiva essa plataforma Moodle®, até porque me traz benefícios, aprimora, associa e agrega meus conhecimentos em termos de pesquisa [...] (Hibisco).

[...] a faculdade abriu portas pra gente ter um meio de comunicação, é... de conhecimento de uma forma diferente, achei muito interessante tudo isso (Amarílis).

Construção do conhecimento

A **construção do conhecimento** foi outro tema que emergiu dos discursos. Esse fenômeno é evidenciado quando os sujeitos afirmam que as atividades no AVA

acrescentam e agregam conhecimento e como resultado desse processo aprendem os conteúdos, uma vez que se sentem estimulados a buscar outras fontes de informação em formato de textos e imagens que facilitam o aprendizado e ampliam o conhecimento.

O discurso de Rosa Vermelha desvela outro aspecto importante na construção do conhecimento, o AVA possibilita o ensino individualizado, uma vez que em algumas situações o estudante não consegue se expressar no grupo.

O uso da plataforma vem acrescentar tanto em conhecimento, como um meio de experiência novo pra nós alunos estarmos usando essa plataforma como bagagem de instrução, de... aperfeiçoamento profissional, acho muito bom (Rosa Vermelha).

Acrescentou sim, acrescentou em conhecimento (Rosa Vermelha).

[...] veio somar pro profissional, eu acho que ela vem só acrescentar, não vem diminuir, o ensino na plataforma agrega bastante o nosso conhecimento (Rosa Vermelha).

[...] tá sendo de grande valia, até mesmo porque, tem muitas coisas que a gente acaba aprendendo, e isso está me trazendo muitos benefícios (silêncio) dentro do contexto que está sendo pedido (Angélica).

É uma ferramenta que faz parte... hoje... assim, com a globalização... a informática rege em todos os assuntos, em todos os aspectos né, e a plataforma pra gente, “tá” sendo um instrumento bem significativo, pro nosso aprendizado, e pra nossa formação vai trazer um grande diferencial (Hortênsia).

[...] mesmo que você não tenha o professor ali frente a frente, tem todo um leque de opções pra você ir buscar conhecimentos pra você conseguir responder e compreender o que está se passando, o que o professor está pedindo [...] (Rosa Vermelha).

[...] além daquele vídeo que ela (a plataforma) da possibilidade de você ver, tem outros vídeos, então você vai assistindo, assistindo, e lendo mais coisas sobre o assunto né, isso é muito importante (Gardênia).

[...] mesmo não tendo professor frente a frente do aluno, existe todo um conteúdo em cima do curso que a gente é... faz né, no caso a enfermagem, então têm os conteúdos, têm os livros, têm os links que você pode acessar pra buscar as informações para responder os questionários, pra estudar os textos, [...] (Rosa Vermelha).

Acho interessante, os conteúdos são um mais curioso que o outro, é... isso faz a diferença na gente, às vezes, até não fico só na plataforma, quando me interessa muito pelo assunto, acabo pesquisando em outros lugares, como livros... na internet mesmo, em outros sites (Amarílis).

[...] além de você ter uma visão aqui dentro da sala de aula, te dá mais assim, ênfase de você ir buscar mais conhecimento e estudar bastante, ler bastante (Gardênia).

Ah... o... o que eu gosto na plataforma são os vídeos... assim, são bem direcionados, são bem focados e são bem explicativos, e assim, o bom é que se você tem uma dúvida ou mais pra frente você quer voltar no assunto,

então você tem material disponível, dá pra você entrar rever, reler, isso é o bom (Begônia).

[...] muitas vezes o que você não consegue expressar em sala de aula, ou fazer em sala de aula, devido ao número maior de pessoas, você consegue “tá” desenvolvendo muito mais em casa né, mas aí você tem que ter uma atitude de ter tempo, disponibilidade e vontade de fazer, porque é uma coisa meio que solitária o estudo (Rosa Vermelha).

[...] eu acho o ensino a distância muito proveitoso, porque você tem aquele ambiente que é só seu, na sua casa, eu utilizo na minha casa, então você tem aquele ambiente privativo só pra você, você se sente mais à vontade, [...] (Rosa Vermelha).

Categoria : EXPECTATIVA DOS ESTUDANTES COM O USO DO AVA PARA A SUA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM

Aprender e fazer a diferença no futuro profissional

Essa categoria representa o **interesse a mão** que motiva nosso pensamento, nossos projetos, nossas ações, fazendo emergir o problema a ser resolvido e as ações necessárias para alcançar os objetivos⁽²⁵⁾. Assim, foi possível depreender dos discursos dos graduandos os seguintes projetos futuros: o AVA possibilita **aprender e fazer a diferença no futuro profissional**, desenvolvendo experiências e usando as ferramentas digitais no mundo da enfermagem.

Eu espero aprender mais, sempre mais, que é muito importante né, fazer a diferença no futuro né? [...] (Acácia).

Eu espero que assim, cada vez mais, além de estar aprendendo cada vez mais na plataforma, eu espero que quando eu for na parte da enfermagem (...) que a gente tenha um meio mais rápido pra se comunicar, igual a plataforma tá abrindo essa porta pra gente aprender (Antúrio).

[...] levar muita experiência pro trabalho, a visão da gente muda bastante, não... não é a mesma antes de ter tido, e depois, é gratificante, é diferente, e... vai ajudar muito tanto em conhecimento, como colocar em prática o que a gente aprende né (Amarilis).

[...] acrescentar conhecimento, (...) pra mim como profissional, como enfermeira no futuro [...] (Rosa Vermelha).

[...] experiência ou conhecimento pra no futuro você... não dizer que é um bicho de sete cabeças, que você nunca viu, que você nunca mexeu, nesse ponto é importante sim (Girassol).

[...] é um diferencial, com certeza vai ser um diferencial mais tarde [...] (Hortênsia).

[...] eu acredito que... participar, utilizar as plataformas, as atividades virtuais, vai me ajudar justamente a conseguir manusear, a tocar pra frente na minha vida profissional, ficou mais familiarizado hoje em dia com o computador (Orquídea).

Ah, o que eu espero... o que já “tá” acontecendo mesmo... que eu “tô” ganhando conhecimento, e... “tô” tendo habilidade com a informatização, que é o que eu vou encontrar muito no hospital né (Alfazema).

[...] hoje, assim... a maioria das rotinas hospitalar... evolução de enfermagem, prescrição de enfermagem são informatizadas, então assim, por mais que o foco não seja informática, você já “tá”... tendo uma vivência de... “tá” atuando [...] (Girassol).

[...] fazer as escalas, vai ter que ser tudo pela informática, não tem mais... né, vai ter que ser tudo informatizado, digamos assim, vai ter que ser um enfermeiro atualizado, por isso que eu gosto de trabalhar com a informática (Lírio).

[...] utilizar dessa ferramenta, até “pros” meus futuros alunos, então eu acho (...) que ela tem só a acrescentar “pro” profissional (Rosa Vermelha).

Ampliar conhecimentos construídos previamente

Outro momento bastante relevante para o futuro evidencia-se pela compreensão dos estudantes da possibilidade de **ampliar conhecimentos construídos previamente**.

[...] conseguir é... entrar é... no mundo virtual e que eu possa trazer assim, mais riqueza, conhecimentos e benefícios assim pro meu dia a dia na faculdade (Hibisco).

[...] conhecimentos a mais que a gente adquire através dos assuntos postados na plataforma (Azálea).

O que eu espero? Que ele (o ambiente virtual) me traga o conhecimento (Camélia).

Eu espero cada vez mais ter o meu conhecimento, a busca do meu conhecimento [...] (Gardênia).

[...] poder ver mais através do conhecimento e buscando um pouco mais de... de respostas a algumas coisas assim... na qual eu tenho dúvidas (Hibisco).

Cada vez mais ter mais conhecimento, é muito importante isso, nisso ele (o ambiente virtual) vai ajudando muito, a gente ter mais conhecimento mesmo (Violeta).

Eu espero que seja de grandes conquistas, [...] uma conquista de conhecimento, de abranger um dado melhor, uma coisa assim, nesse sentido que eu falo quando eu falo... de conquistas (Angélica).

[...] através da plataforma com a orientação de professores e de outros alunos que estão muito mais embasados no contexto, eu acho que vou tirar bastante proveito disso sim, e aí vai melhorar meu conteúdo dentro da faculdade na minha formação acadêmica (Hibisco).

[...] agregar em relação ao meu conhecimento, e tentar conseguir é... corresponder com as expectativas, e... e as coisas que me trazem junto com outras pessoas através da plataforma [...] (Hibisco).

[...] aprender mais, porque é mais rápido o mundo virtual do que... você absorve mais o conteúdo, do que você ficar... pega um livro, você tem que pegar outro, tem que pegar outro... e no mundo virtual não, já é tudo ali no mesmo, Você tem várias informações, eu acho que meu crescimento profissional né, vai ser muito bom (Tulipa).

[...] ter um leque maior (de conhecimento) do que só aqui na sala, eu acho que ajuda muito nessa parte de... de... da teoria e aí agrega com a parte da sala (conteúdo presencial) que a gente tem uma, uma coisa mais assim... como eu posso dizer assim, mais... ah, professor, fugiu a palavra... mais dinâmica, na sala é um pouco mais dinâmica, mas, assim, na parte teórica, o embasamento da plataforma é maior, então eu acho que um agrega o outro (Begônia).

Aperfeiçoar o conhecimento no uso das ferramentas digitais

Aperfeiçoar o conhecimento no uso das ferramentas digitais também foi um projeto futuro dos graduandos revelado em seus discursos.

[...] estar atualizado com a tecnologia mesmo, que nós temos que aprimorar, é... estar mais atualizado com a... com o dia a dia, com esse mundo mesmo tecnológico, que está disposto... que está disponível ali pra gente consultar, é... dividir informações [...] (Camélia).

Eu espero, como eu disse pro senhor né, é... ficar... ficar bom na informática, porque informática é isso, você ficar praticando, você ficar se atualizando [...] (Lírio).

E além disso, do meu interesse em querer melhorar o meu desenvolvimento com a informática (Antúrio).

[...] que eu possa também trocar informações até mesmo com o professor nessa plataforma, e ter a acessibilidade mesmo [...] (Camélia).

[...] desde já, estar envolvido com essa ferramenta que é a informática, que é essencial hoje pra tudo (Girassol).

[...] aprimorar cada vez mais né, porque os conteúdos né, apesar das dificuldades, são importantes né, é o que você vai precisar lá na frente... [...] (Magnólia).

[...] depois que eu me formar, é... não especificamente essa plataforma que a gente tem na faculdade, mas eu posso fazer alguns pequenos cursos via EAD (ensino a distância) que eu acho que facilita bastante, porque a gente

não pode parar de estudar né? Eu acho que depois da formação facilita bastante (Verônica).

[...] eu espero... na verdade ele (o ambiente virtual) me deu muita base em vários conteúdos, me ajudou bastante, eu acredito que vou usar... continuar usando, porque eu pretendo fazer a pós-graduação e eu acredito que vai ter muita... muita... “má”... as atividades virão virtualmente, então eu acho que é um ponto... está sendo um ponto fundamental na minha formação acadêmica (Orquídea).

TIPIFICAÇÃO

A Figura 2 apresenta o esquema representativo do tipo vivido “vivência dos graduandos de enfermagem de uma universidade privada do Município de São Paulo com o uso do AVA na sua formação como enfermeiro”.

Figura 2: Esquema da tipificação concreta do vivido. São Paulo, 2015.

No processo de compreensão do tipo ideal, o pesquisador deve partir de suas próprias percepções do ato manifesto por alguém. Sua perspectiva consiste em descobrir os **motivos para** e os **motivos porque** implícitos nesses atos. Isso é possível por meio da interpretação do ato dentro de um contexto objetivo de significados, no sentido de que se atribui o mesmo motivo a qualquer ato produzido com a mesma finalidade e da mesma maneira⁽¹⁾.

A compreensão de um tipo ideal pressupõe então, a identificação dos **motivos para** e **motivos porque**, manifestos numa **atitude natural** e recorrente por uma pessoa ou grupo, que normalmente reproduz esse ato como uma característica⁽¹⁾. As categorias concretas do vivido (Figura 2), organizadas num conjunto, permitem construir o típico vivido pelos estudantes enquanto atores sociais em seu **mundo vida**, uma vez que evidenciam os **motivos porque** e os **motivos para** da ação desses sujeitos na vivência e uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

Essa vivência evidencia o **interesse a mão** que motivou os pensamentos, projetos, ações desses sujeitos e que fizeram emergir as questões que deveriam ser resolvidas para alcançar seus objetivos, de acordo com o grau de significância e precisão, separando o já conhecido do que precisa ser desvelado⁽²⁵⁾.

Este estudo buscou compreender a vivência dos graduandos de enfermagem de uma universidade privada do Município de São Paulo com o uso do AVA na sua formação como enfermeiro. As categorias concretas do tipo vivido que emergiram dos discursos desvelaram como características típicas dos estudantes, que ocorre mediação pedagógica entre professor e graduandos de maneira assíncrona, bem como interação aluno-aluno visando apoio e estímulo para o alcance dos objetivos educacionais. A vivência no ambiente virtual possibilitou a inclusão digital, favorecendo o desenvolvimento de habilidades tecnológicas com ganho pessoal e profissional. Entretanto, os graduandos depararam-se com limitações tecnológicas fora de seu controle, relacionadas à dificuldade de conexão e ausência de tempo livre na grade curricular para a realização das atividades. Evidenciou-se, ainda, limitações pessoais relacionadas à necessidade do gerenciamento pessoal para aprendizagem e construção do conhecimento por meio da busca de fontes de informações via *web*. Essas vivências estão voltadas para a expectativa de aprender

e fazer a diferença no futuro profissional uma vez que estão desenvolvendo experiências no uso das ferramentas digitais no mundo da enfermagem, desta maneira poderão ampliar os conhecimentos construídos previamente e aperfeiçoar o conhecimento em enfermagem.

ANÁLISE COMPREENSIVA DOS RESULTADOS

A figura 3 a seguir apresenta o esquema representativo da análise compreensiva.

FIGURA 3 – Esquema representativo da análise compreensiva. São Paulo, 2015.

No ensino de graduação em Enfermagem, os atores sociais são protagonizados pelo professor que busca expandir seu conhecimento, difundir informações e estimular os estudantes a desenvolver competências, crenças e valores éticos e morais da sociedade e da profissão. O aluno por sua vez, almeja construir conhecimentos para conquistar o grau de enfermeiro. A efetivação desse anseio do estudante, só será possível por meio de informações e relações com objetos e pessoas que contribuam para o desenvolvimento de habilidades e do saber necessário para se tornar um enfermeiro.

Autores⁽²⁶⁾ relatam que os alunos entendem a construção do saber como um processo natural de adquirir conhecimento, pois existe um propósito que o impele nesse processo e permite selecionar a maneira como essa construção efetivar-se-á, sendo que ela pode se dar por meio de conversas com o docente, ou mesmo, assumindo um papel de busca autônoma.

As experiências vividas pelo professor e pelo aluno nessa relação constituem a **situação biográfica** de ambos, uma vez que essas vivências modificam as formas de agir e pensar, dando origem ao **estoque de conhecimentos à mão**, possibilitando, assim, perceber a **tipicidade** vivida pelos sujeitos.

Desta forma, pensar no uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no ensino de enfermagem é pensar no **mundo social** que constitui e abrange a atividade do professor e do aluno. É ainda, pensar na **relação face a face** que se estabelece no ambiente virtual de forma síncrona (comunicação em tempo real) ou assíncrona (por meio de mensagem, sem participação simultânea), na construção do mundo vida a partir da subjetividade das experiências vividas pelos atores sociais no desempenho de seus papéis docente e discente.

O processo ensino-aprendizagem, mediado pelas ferramentas digitais, acontece em horários e lugares diferentes e é favorecido pela possibilidade de contato simultâneo ou não entre os sujeitos⁽²⁷⁾, dessa maneira, os estudantes hoje esperam que as ferramentas tecnológicas proporcionem acesso à informação, facilite a tomada de decisão nas questões escolares e profissionais⁽²⁸⁾ e permita a comunicação com seus pares e professores^(6;28).

Nessa perspectiva autores⁽²⁹⁾ consideram que se faz necessário refletir sobre as práticas pedagógicas contemporâneas e adequar-se ao mundo tecnológico, tendo em vista que as ferramentas digitais disponíveis usadas no AVA como apoio pedagógico que possibilitam a comunicação mais rápida, eficaz e interativa entre professor e aluno.

Entendemos que o mundo tecnológico em que vivemos, modificou a configuração das relações sociais e rompeu com a estrutura histórica do processo de comunicação possibilitando que emissor e receptor, mediados pelas ferramentas digitais, sejam protagonistas de informações e de conhecimentos uma vez que é possível a comunicação verbal e não verbal ocorrer de forma síncrona ou assíncrona.

A interação mediada pela tecnologia produz um novo tipo de experiência espacial flexível e geograficamente abrangente que propicia que as interações sociais *on-line* ocorrerem, individual e coletivamente, independentes do espaço físico, destacando a inseparabilidade das vivências *on-line* e *off-line*. Nessa perspectiva o “espaço vivido” não se configura apenas como o *pano de fundo* das interações sociais, mas parte integrante e ativa do contexto que modula e influencia essas interações⁽³⁰⁾.

As TICs permitem a participação, a intervenção, a bidirecionalidade e a multiplicidade de conexões, rompendo com a linearidade e com a separação emissor e receptor, democratizando a informação e propiciando uma aprendizagem autônoma⁽³¹⁾. O ambiente virtual de aprendizagem pode ser considerado um recurso pedagógico importante para favorecer a interação professor-aluno e readequar a prática docente na perspectiva da construção do conhecimento⁽²⁹⁾.

Nesse sentido, as ferramentas de comunicação do ambiente de aprendizagem oferecem a possibilidade de transformar as aulas e a aprendizagem mais atraentes, colaborativas e produtivas de acordo com as necessidades específicas, interesses e preferências de aprendizagem do estudante⁽³²⁾.

A inserção das ferramentas digitais de comunicação no processo ensino-aprendizagem possibilita estabelecer vínculos comunicacionais entre professor-aluno por meio de conexões que superam a comunicação estática onde é

necessária a presença dos sujeitos frente a frente de forma física, para a realidade virtual da comunicação, que pode acontecer de maneira assíncrona por meio da escrita e por *emotions*, ou síncrona por meio de ferramentas que permitem simultaneamente a transmissão de imagem e som.

Moran^(33 p. 172) afirma que no processo educacional, o que era presencial torna-se virtual e o que era distante, torna-se presencial, fazendo com que “os encontros em um mesmo espaço físico se combinem com encontros virtuais, a distância, por meio da *internet*”.

A otimização da relação entre professor e aluno no AVA e a possibilidade de rever a prática pedagógica do docente, coadunam com a proposta do Ensino para a Compreensão (EpC), que defende a postura do professor como um facilitador e mediador no processo de ensino e aprendizagem e do estudante como o indivíduo responsável pela construção de seu conhecimento. Nessa perspectiva, consideramos a interação professor-aluno o cerne para a **mediação pedagógica** no ambiente virtual, pois nesse momento estabelece-se a **relação face a face** que configura o processo ensino-aprendizagem.

Desta maneira, as ferramentas digitais precisam ser usadas na sua plenitude, no ensino de graduação em enfermagem, pois favorecem a **mediação pedagógica** a qual entendemos ser uma ação comunicativa entre professor e aluno. Mas para que isso aconteça, o professor precisa se apropriar dessas ferramentas e assumir o papel de facilitador que procura mediar o desenvolvimento das atividades pedagógicas e estimular o estudante, que busca a construção de seu conhecimento.

A **mediação pedagógica** emerge dos discursos evidenciando a comunicação assíncrona como um fator dificultador do desenvolvimento das atividades, uma vez que é necessário aguardar a resposta dos docentes por um período longo. A comunicação assíncrona com o professor interfere na mediação gerando angústia quando as atividades são pontuadas para compor a nota. A angústia tem sua origem na falta de comunicação direta com o docente, na dificuldade de compreender o que está estudando e nos critérios usados na avaliação.

Autores⁽³²⁾ apontam para um momento de transição onde alguns estudantes preferem a comunicação face a face entre professor-aluno, em detrimento da

comunicação assíncrona, entendendo que é um momento rico de troca de informações.

Os sujeitos deste estudo percebem a comunicação assíncrona como um dificultador pela demora do professor mediador para responder aos questionamentos, o que nos leva a pensar que essa demora pode estar relacionada à falta de domínio das ferramentas disponíveis no AVA, além da pouca ou nenhuma experiência em mediação no ambiente virtual.

Um estudo⁽³⁴⁾ desvela que segundo a percepção dos enfermeiros docentes, a inserção da informática no ensino de enfermagem, é imprescindível no entanto é necessário, que as práticas educativas sejam fundamentadas no diálogo entre professor e aluno e que ocorra investimento na aquisição de equipamentos, o treinamento dos docentes para o uso das ferramentas tecnológicas.

Destacamos um outro aspecto que permeia o uso do AVA pelos estudantes e que, muitas vezes, passa despercebido, mas necessita ser refletido e investigado, que é o tempo de trabalho docente para preparar o ambiente, mediar as atividades desenvolvidas pelos estudantes e corrigir essas atividades quando necessário. Essa questão que levantamos nesse momento, no nosso entender, tem relação com o citado anteriormente, no que se refere à alteração do material depois que este foi liberado para o estudante⁽²⁰⁾. Muitas vezes, principalmente nas instituições privadas, o docente é contratado como horista, não tendo remuneração pelas atividades desenvolvidas no AVA. Esse evento faz com que o professor tenha duas opções, a primeira é trabalhar em seu horário de descanso, na sua residência, usando seu equipamento e banda de conexão com a rede. A segunda é preparar o ambiente da maneira que for possível, e fazer modificações se necessário também quando possível.

Consideramos que a atividade docente no AVA precisa ser valorizada pelas Instituições de ensino, pois os professores, assim como os alunos, entendem que as ferramentas digitais quando usadas de maneira adequada estimulam a participação ativa do estudante e contribuem para o desenvolvimento de autonomia, habilidades e competências dos futuros profissionais.

Apesar de ser uma ferramenta flexível, o AVA está sendo usado como algo “engessado”, que limita a possibilidade de o estudante perceber seu desempenho e retomar o processo de construção do conhecimento a partir das dificuldades percebidas. Isso mostra uma dicotomia, quando o professor adota ferramentas flexíveis e assume postura tradicionalista no processo ensino-aprendizagem.

Esta dicotomia é uma questão antiga, no entanto permanece atual, Prenski⁽³⁵⁾, em 2001, já discutia o problema enfrentado na educação pelo fato de os educadores serem imigrantes digitais e falarem uma língua ultrapassada, nominada por ele, de língua da era pré-digital. Desta maneira, afirma que os professores têm que aprender a interagir na língua e estilo de seus alunos nativos digitais, que estão acostumados a receber informações muito rápidas, que gostam de processos multitarefa, e preferem acesso aleatório como o hipertexto e trabalham melhor quando ligados em rede.

Ao fazer referência à informática como suporte ao processo educativo, autores⁽³⁶⁾ afirmaram que o não uso ou o mau aproveitamento da TIC como recurso pedagógico, em muitas escolas brasileiras, está relacionado ao desconhecimento da infinidade de possibilidades de recursos que essas ferramentas oferecem, estabelecendo assim, um longo caminho a ser percorrido até serem conhecidos.

Em um estudo⁽³⁷⁾ mais recente, os autores afirmam que especificamente no ensino de enfermagem o desenvolvimento da TIC, defronta-se com um panorama provocador e ameaçador nas Instituições de ensino superior, impelindo os professores a buscarem conhecimento, investigarem e converterem as tecnologias em ferramentas educacionais, para dar conta das necessidades dos alunos da geração digital.

A dificuldade percebida pelos estudantes com a mediação assíncrona deu origem a um momento vivido no **mundo vida**, identificado nos discursos como sendo a **interação aluno-aluno**, que se efetivou no convívio diário em sala de aula e trouxe como benefício, além da construção do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades no manejo das ferramentas do AVA e o estreitamento das relações de amizade entre os pares.

A diferença no perfil de habilidade e domínio das ferramentas digitais é citado em um estudo⁽²⁷⁾ como sendo proveitosa para compartilhar conhecimento e que os participantes aprendem com os colegas que já têm essa vivência.

O **mundo da vida** é edificado a partir das experiências cotidianas do sujeito, sendo que essas experiências se dão pelo convívio habitual no âmbito doméstico, laboral, nas relações sociais com outros indivíduos e na observação ou manipulação de objetos⁽¹⁾.

Nesse sentido, as mudanças provocadas pela TIC dizem respeito às vivências dos sujeitos no seu **mundo social**, transformaram de maneira radical o seu **mundo vida**, incorporando novas configurações na forma de ensinar e aprender, por meio da interação aluno-aluno.

No entanto, quando essas vivências tecnológicas não acontecem, o sujeito que se aproxima o faz como o imigrante que desconhece o uso das ferramentas, os costumes e os padrões sociais e culturais de determinada sociedade⁽²⁵⁾.

O estrangeiro (imigrante) é o indivíduo adulto, que pertence à nossa época e civilização e que se aproxima de um determinado grupo e tenta ser aceito ou ao menos tolerado por esse grupo⁽²⁵⁾.

Esse conceito de Schütz⁽²⁵⁾ corrobora com o conceito de Prensky⁽³⁵⁾, que define imigrante digital como sendo todos os indivíduos que não nasceram no mundo digital, mas que em algum momento de suas vidas tornaram-se fascinados por esse mundo e adotaram muitas ou a maioria das ferramentas tecnológicas, no entanto, esses indivíduos mantêm seu “sotaque” como, por exemplo, imprimir o e-mail. Os nativos digitais são todos os indivíduos nascidos na era dos computadores, *videogames* e *internet*⁽³⁵⁾.

Embora as evidências aludem que existe um grupo de alunos que podem se enquadrar ao conceito de Prensky de “nativos digitais”, esses estudantes são a exceção e não a regra, assim dentro de uma mesma turma em uma universidade, existe diferença entre a experiência e frequência de uso das ferramentas tecnológicas pelos estudantes⁽³⁸⁾.

Nesse sentido, os estudantes que desconheciam o uso das ferramentas digitais se assemelham ao imigrante e tentam se apropriar de usos e costumes para então serem aceitos por seus pares nativos digitais.

A tentativa do imigrante para apoderar-se do conhecimento e inserir-se no mundo tecnológico é evidenciada por alguns dos sujeitos quando ele busca ajuda junto aos colegas e professores para vencer os obstáculos. A superação é percebida quando seu desempenho no uso das ferramentas digitais é melhor do que de sua colega de turma.

A partir dos discursos dos sujeitos, depreende-se **a inclusão digital** dos graduandos, que inicialmente apresentavam falta de domínio tecnológico e foi se modificando com o uso mais frequente das ferramentas digitais, percebendo os benefícios e a habilidade desenvolvida. Dessa maneira, as TICs passam a fazer parte do **estoque de conhecimentos e experiências armazenadas**, tornando-se um instrumento de aprendizado, cujo qual permite acesso ao mundo virtual.

Ter acesso ao mundo virtual significa ter acesso aos conteúdos que compõem os currículos das diversas disciplinas, pois estes estão disponíveis na rede e podem ser resgatados a qualquer tempo e lugar, independente da sala de aula ou da presença do professor. Desta maneira, a escola precisa rever sua estrutura e maneira de ensinar, transformando a realidade atual de mera transmissora de informações, em instigadora da busca de conhecimento, que favoreçam a resolução de problemas e a construção dos valores éticos, morais e sociais⁽³⁹⁾.

Desta maneira, ao membro nativo de um grupo social basta somente um olhar para captar as situações rotineiras e lançar mão de modo automático e semiconsciente da fórmula padronizada na pauta cultural para solucionar o problema que se apresenta⁽²⁵⁾, no entanto, alguns dos estudantes, sujeitos deste estudo, imigrantes no mundo digital não compartilham o **típico vivido** nesse **mundo social** e deparam-se com a falta de familiaridade com o computador/informática e apresentam dificuldade para ler os textos na própria tela do computador, para usar as ferramentas digitais e acessar a página do AVA Moodle®.

Esses estudantes vivenciaram a crise típica do imigrante quando as normas sociais e culturais padronizadas, que deveriam dar o direcionamento para resolver

os problemas de acesso, eliminar dúvidas e solucionar os problemas dentro de um pensar habitual, não se efetivou no seu **mundo vida**⁽²⁵⁾.

A ausência de conhecimentos básicos para usar o computador está relacionada ao fato de não ter realizado curso de informática, não ter paciência para aprender a usar o computador e as ferramentas digitais ou mesmo a falta de interesse no uso da TIC.

Nesse sentido, o aluno como um imigrante no **mundo vida** digital, sem domínio das ferramentas tecnológicas, aproxima-se do grupo social, composto por seus pares e professores, e se esforça para compreender o arquétipo cultural para se nortear e ultrapassar os obstáculos⁽²⁵⁾.

O aluno situado no mundo social em mudança o experimenta primeiro como um campo de seus atos momentâneos e plausíveis, para isso, busca se apropriar de informações que lhe permita se aproximar do mundo tecnológico e só, posteriormente, como objeto de seus pensamentos para construir conhecimento e desenvolver habilidades. E à medida que o conhecimento desse mundo lhe interessa, organiza-os de maneira significativa para dirimir as dificuldades e assim desfrutar desse universo⁽²⁵⁾.

Para desfrutar desse universo, é preciso agrupar o mundo em torno de si como um campo de dominação e extrair aquilo que está ao seu alcance potencial ou atual, para superar os obstáculos⁽²⁵⁾ e assim perceber que com persistência e organização, consegue vencer as limitações para acessar o portal do aluno e ter uma participação mais frequente nas atividades do AVA, perceber ainda, que o seu desempenho no uso das ferramentas digitais, hoje, é melhor do que de seu colega de turma e por já estar familiarizado, não vê mais o computador como algo inacessível ou impossível de dominar.

Com a adaptação ao novo grupo e superadas as dificuldades iniciais no uso do AVA e suas ferramentas, o que, a princípio, era estranho e desconhecido ao estudante, é percebido agora como um processo bem-sucedido. Este padrão cultural e seus elementos tornaram-se um refúgio e proteção. Desta maneira, o imigrante já não é um estranho e seus problemas específicos foram resolvidos⁽²⁵⁾, então

conseguem perceber que desenvolveram habilidades, construíram o conhecimento e desenvolveram novas **habilidades tecnológicas**.

Utilizar a *web* como reforço na aprendizagem é benéfico, no entanto, foi necessário aprender novas habilidades e desenvolver a confiança e habilidade no uso da tecnologia⁽²⁰⁾. A inclusão do estudante no mundo digital traz ganhos, desta maneira o estudante que não tem domínio das ferramentas digitais, além de construir o conhecimento necessário para a sua formação como enfermeiro, concomitante desenvolve novas habilidades que contribuirão para sua vida pessoal e profissional.

Consonante a essa visão, a educação apresenta-se essencialmente como um processo de permuta comunicacional e informacional entre os atores sociais, onde educar é cooperar para que docentes e discentes convertam seu viver em aprendizagem contínua, de maneira que o estudante construa sua identidade pessoal e profissional, desenvolva habilidade de compreender e interagir, transformando-se em um indivíduo realizado e produtivo⁽³³⁾.

O estudante tende a dispersar-se por inúmeros motivos, sendo então necessário se organizar dentro do seu horário para conseguir cumprir as atividades propostas. Corroborando com esse achado, Moran^(33 p. 171) diz que o docente que utiliza a *internet* no ensino precisa estar atento, uma vez que:

Os alunos tendem a dispersar-se diante de tantas conexões possíveis: endereços dentro de endereços. Imagens e textos que se sucedem ininterruptamente. Acumulam muitas informações e ideias, que ficam gravadas, impressas, anotadas. Ao mesmo tempo, constata-se uma certa dificuldade de saber lidar com tanta informação. É mais atraente navegar, descobrir coisas novas do que analisá-las, compará-las e separar o que é essencial do acidental, hierarquizando ideias, assinalando coincidências e divergências.

Mas para que o aprendizado aconteça, o graduando precisa estabelecer uma rotina de estudo, assim, quanto mais usar as ferramentas, mais vai aprender, conhecer e desenvolver habilidades que lhe trarão segurança no futuro.

O AVA fortalece a proposta do EpC de autonomia do aluno no processo ensino aprendido por ser uma ferramenta que permite ao estudante gerenciar e organizar o seu tempo pessoal para aprendizagem de maneira a realizar as

atividades de acordo com sua disponibilidade e sem um tempo previamente determinado em termos de horas.

A aprendizagem pode ser adequada ao ritmo de vida ou mesmo às dificuldades cognitivas do estudante, tendo em vista a que as ferramentas tecnológicas possibilitam a individualização^(20;33).

A somatória das atividades laborais e de aula suscitam no aluno a necessidade de organizar seu dia em termos de horário para estudar, desta maneira, a introdução das ferramentas digitais são grandes aliadas, que favorecem ao estudante se estruturar⁽³⁷⁾, além do que, a flexibilidade de horário é um fator importante para essa organização⁽²⁹⁾.

Corroborando com essa visão, autores⁽⁶⁾ reforçam que em relação ao uso das TICs existem diferenças importantes entre estudantes que fazem curso *on-line* e os que fazem curso presencial. Os estudantes que usam o ambiente virtual organizam melhor o seu tempo de estudo e obtêm melhores resultados na aprendizagem.

A necessidade de organizar o tempo disponível para realizar as atividades está relacionada à ausência de um período livre na grade curricular do curso para a realização de tais atividades. O fato de a grade não contemplar horário livre para a realização dessas tarefas faz com que o estudante tenha que usar de seu tempo de lazer ou descanso, causando assim, transtornos, descontentamento, ou dificuldade para cumprir os prazos, evidenciando a realidade imposta aos estudantes no seu **aqui e agora**.

De acordo com Schütz⁽²⁵⁾ o nosso **interesse a mão** determina nossos sistemas de relevâncias, não sendo um fato isolado, ele pertence a um sistema ordenado hierarquicamente em múltiplos sistemas e compõem os nossos planos, mas não são constantes e nem homogêneos. Não é constante, porque basta o **agora** seguinte para que o anterior seja deixado para trás, não é homogêneo porque mesmo na coincidência de qualquer **agora**, podemos ter interesses diversos.

Destarte, nós não somos apenas centros de espontaneidade inseridos no mundo, mas também somos receptores passivos de eventos fora do nosso controle, que ocorrem sem a nossa intervenção, assim a adoção do ambiente virtual pela

universidade é percebida por alguns dos sujeitos como uma situação imposta, uma vez que não fazia parte dos seus planos usar o AVA como ferramenta de aprendizado, bem como a EpC e sem poder modificar a situação, sentiam-se condicionados e obrigados a ler mais, buscar mais informações, a organizar-se mais para entrar frequentemente no AVA.

No entanto, os estudantes conseguiram vincular essas ferramentas ao seu interesse pessoal, incorporar a autonomia no processo ensino-aprendizagem, compreendendo e perceber que as ferramentas digitais são necessárias para a atualização e desenvolvimento de habilidades, transformando a **relevância imposta** em **relevância intrínseca**.

Considerando que o uso das TICs como suporte de aprendizado no ensino superior é cada vez mais presente, estudos⁽³²⁾ afirmam que a maioria dos estudantes sente-se confortável usando as ferramentas digitais para diversas atividades. Para poder dominar uma situação, devemos possuir um conhecimento prático, a técnica, a habilidade necessária e também a compreensão exata de por que, quando e onde utilizá-las⁽²⁵⁾.

Os resultados do presente estudo evidenciam que por ser imposto, o ambiente virtual não era percebido como uma ferramenta auxiliar na formação e na construção do conhecimento, fato que foi se modificando com o uso mais frequente, e o desenvolvimento das habilidades tecnológicas. Dessa maneira, o computador deixou de ser um apenas um instrumento tecnológico e passou a ser compreendido como um recurso facilitador do aprendizado o qual permite acesso ao mundo virtual.

Os discursos evidenciam, também, que o AVA é uma ferramenta acessível e de fácil manejo que impulsiona o aluno a estudar e construir conhecimento. Possibilita a construção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia na busca de respostas às dúvidas emergentes no processo de formação como enfermeiro, pois frequentemente os conteúdos são abordados com maior profundidade.

Em estudo⁽²⁶⁾ fenomenológico com graduandos de enfermagem, emergiram dos discursos que a disposição para a construção do conhecimento foi influenciada pela postura favorável dos docentes. Sendo possível desvelar que essa disposição

está relacionada com a forma positiva e entusiasta percebida pelos estudantes no contato face a face e nos discursos dos professores e seus predecessores.

O uso de vídeos no AVA possibilita o *link* a outros semelhantes, o que estimula o estudante a buscar não só outros vídeos, como também outras fontes de informação, em formato de textos e imagens que facilitam o aprendizado e ampliam o conhecimento. O acesso direto a outras fontes otimiza o tempo de estudo e amplia a busca de conhecimentos.

Assim, o AVA elaborado a partir da fundamentação pedagógica do EpC possibilita aprender, desenvolver experiência e conseguir usar as ferramentas digitais para **fazer a diferença no futuro profissional**. Essas vivências provocam mudanças consideradas gratificantes e apesar das dificuldades, foi possível desenvolver conhecimento científico e habilidades no uso da tecnologia, os quais são necessários para o exercício profissional como enfermeiro.

A formação acadêmica propiciou ao estudante desenhar seu projeto futuro como enfermeiro, construir conhecimentos para estruturar as ações de enfermagem pautadas em princípios construídos ao longo de sua vida e reforçados no convívio com seus contemporâneos, desenvolver autonomia e respeito⁽²⁶⁾.

Nesse sentido, autores⁽⁴⁰⁾ referem que os estudantes reconhecem que o conhecimento influi em seu desempenho e se traduz em emoções e sentimentos que têm um efeito positivo na fase de transição entre ser estudante e tornar-se enfermeiro.

Evidencia-se que a mediação pedagógica e a interação aluno-aluno contribuem para ampliar os conhecimentos construídos previamente e incorporar novos saberes.

As ferramentas digitais dão suporte para adquirir e desenvolver o conhecimento, pois permitem o acesso a materiais disponibilizados na rede.

Nesse sentido, a fundamentação teórica necessária ao desempenho da atividade como enfermeiro no futuro é complementada com as atividades desenvolvidas no ambiente virtual, as quais se somam aos conhecimentos

construídos previamente em sala de aula presencial e por meio das informações disponíveis na *web*.

O AVA desperta o interesse, instiga a buscar novos conhecimentos e contribui para que o estudante se responsabilize pelo próprio aprendizado e este fato pode estar relacionado à possibilidade do aluno transitar no ambiente virtual livremente⁽¹³⁾.

Usar as ferramentas computacionais como recurso de ensino amplia a construção do conhecimento, uma vez que o estudante sente-se estimulado a buscar na *web* informações de especialistas, consultar bases de dados em busca de artigos de periódicos, teses ou mesmo livros digitais de acesso livre⁽³⁶⁾.

Depreendemos, ainda, nos discursos dos estudantes, que se aproximar cada vez mais do conhecimento, desenvolver experiência, conseguir usar as ferramentas digitais e fazer a diferença no futuro profissional, foram apontados como fatores intervenientes dos seus projetos de constituir-se como *ser enfermeiro*.

Um ambiente acadêmico estruturado favorece o crescimento e desenvolvimento do estudante da geração Net, desta maneira, os docentes precisam enfrentar o desafio e por meio de um processo colaborativo, criar parcerias com os alunos para transformar a relação educativa e de orientação, preparando, assim, o estudante para o mundo do trabalho⁽²⁸⁾.

Os valores éticos e morais dos estudantes de enfermagem não são mera convenção, mas estão alicerçados principalmente no livre-arbítrio, e projetam sua vida futura. Dessa maneira, tornam-se conscientes da importância de apropriar-se de conhecimentos e desenvolver competências, habilidades e atitudes que permitam desempenhar futuramente sua atividade profissional como enfermeiro⁽²⁶⁾.

O desenvolvimento de aptidões no uso das ferramentas digitais favorece a atuação profissional proficiente em todas as instâncias⁽⁴¹⁾. Desta maneira, a expectativa futura dos estudantes está relacionada à necessidade de aperfeiçoar a habilidade no uso das ferramentas digitais, conquistar autonomia e acessibilidade ao mundo tecnológico e do trabalho da enfermagem.

Evidenciamos que os graduandos, entendem que é preciso atualizar os conhecimentos tecnológicos, compartilhar informações, praticar e usar

frequentemente as ferramentas digitais e ter interesse pessoal em desenvolver seus conhecimentos em informática. A interação com o professor e os colegas permitem a atualização e confere maior segurança para diminuir as dúvidas na realização das atividades no ambiente virtual.

No contexto atual as TICs impõem-se como uma necessidade para o profissional de enfermagem, fazendo emergir, a necessidade de desenvolver competências e habilidades no uso dessas ferramentas⁽³⁶⁾.

O interesse pessoal em desenvolver a aptidão no uso do AVA e das ferramentas digitais estimula a busca de informações e a autonomia, requisitos necessários para atingir o objetivo futuro de ser enfermeiro.

A informática é parte integrante do mundo atual e envolver-se desde a formação com as ferramentas digitais, tendo em vista o futuro profissional é essencial, uma vez que elas tornam o aprendizado mais rápido e possibilitam maior apreensão de conteúdos que futuramente, irão interferir de maneira positiva na sua atuação como enfermeiro.

O uso do ambiente virtual durante a formação faz com que os graduandos desenvolvam habilidades e se familiarizem com as ferramentas digitais, considerando que essas vivências façam diferença no futuro profissional.

VISLUMBRANDO INOVAÇÕES NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Este estudo teve origem na minha **vivência face a face** com os alunos em um **cenário social**, onde a mudança de paradigma foi grande devido às modificações que envolveram a introdução do Ensino para a Compreensão (EpC) como modelo pedagógico e a adoção do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como recurso de ensino. Essa vivência intersubjetiva que é parte do meu **mundo vida** suscitou uma inquietação e conduziu-me a alguns questionamentos os quais busquei responder e compreender.

Para responder esses questionamentos entendemos que seria necessário compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro. Deste modo, trilhamos os caminhos da fenomenologia social de Alfred Schütz, pois percebemos que para responder nossas inquietações seria necessário buscar as respostas com os sujeitos que vivem e experimentam esse mundo social e assim desvelar os fenômenos que compõem as suas vivências típicas.

Os fenômenos desvelados estão imbricados em vivências passadas que caracterizam os **motivos porque** e envolvem o docente como mediador do processo ensino-aprendizagem, a interação aluno-aluno como momento de apoio e estímulo, a inclusão digital, o desenvolvimento de habilidades tecnológicas e o deparar-se com limitações tecnológicas fora de seu controle que evidenciaram a necessidade de superação de limites e de gerenciamento pessoal para aprendizagem que culminou com a construção do conhecimento. Essas vivências dos estudantes estavam direcionadas para sua expectativa futura de ser enfermeiro, caracterizando assim, os **motivos para**. Esses motivos estão relacionados à necessidade de aprender e fazer a diferença no futuro, ampliar conhecimentos construídos previamente e aperfeiçoar o conhecimento no uso das ferramentas digitais.

Ao finalizar este estudo retomamos nossos questionamentos, e entendemos que foram respondidos e nos trouxeram a compreensão do típico vivido por esses estudantes.

Em relação ao questionamento de como os alunos vivenciaram o AVA e suas ferramentas como recurso didático na construção do conhecimento em enfermagem, nos deparamos com os fenômenos, mediação pedagógica por parte do professor e a Interação aluno-aluno como momento de apoio e estímulo. Esses fenômenos nos levam à compreensão de que a construção do **mundo vida** desses sujeitos foi pautada na relação intersubjetiva e compartilhada por seus semelhantes.

Os discursos balizam que a mediação pedagógica do professor acontece, em grande parte, de maneira assíncrona e a ferramenta utilizada é o correio eletrônico. Emergiu também a possibilidade dessa mediação acontecer de maneira síncrona, por meio de agendamento de um encontro presencial com o professor, quando as dúvidas não foram esclarecidas.

Os estudantes entendem a importância da mediação pedagógica, seja ela virtual ou presencial, como fator preponderante para a compreensão das atividades propostas e consequente construção do conhecimento. Salientam a importância da mediação pedagógica presencial quando o módulo é desenvolvido estritamente *on-line* e afirmam que as dúvidas não esclarecidas, impedem a compreensão da atividade, e que a não compreensão do que se espera que ele desenvolva, resulta em mera repetição de conteúdos e informações..

A interação aluno-aluno desvela a importância do apoio e do estímulo mútuo, que se concretiza na **relação face a face** que se estabelece em sala de aula onde a ajuda para suplantar as barreiras favorece a compreensão e construção do conhecimento.

Assim, é possível inferir que na perspectiva do marco conceitual do Ensino para a Compreensão (EpC) que concebe a aprendizagem como construção a partir da participação ativa do indivíduo que aprende, a mediação que permite transpor barreiras do conhecimento é realizada pelo professor facilitador ou mesmo pelos pares que já ultrapassaram essas barreiras.

Ao voltarmos ao questionamento sobre os fatores que influenciam o uso do AVA pelos alunos, identificamos que estes estão relacionados à inclusão digital, ao desenvolvimento de habilidades tecnológicas, as vivências de algumas limitações tecnológicas que fugiam de seu controle, a necessidade de gerenciamento pessoal para aprendizagem e a construção do conhecimento como resultado desse processo.

A inclusão digital se desvela como um momento de superação pessoal à imposição do AVA por parte da universidade. Transpor essa barreira foi um grande desafio para os estudantes e que só foi possível a partir do momento que compreenderam e vincularam o uso do AVA ao seu objetivo de ser enfermeiro e aceitaram a mediação do professor e dos seus pares.

Outro fenômeno desvelado a partir dos discursos foi o desenvolvimento de habilidades tecnológicas, entendidas pelos sujeitos como imprescindível para a sua formação tecnológica como enfermeiro, acarretando em desenvolvimento pessoal e profissional.

Nesse processo de inclusão digital e desenvolvimento de habilidades tecnológicas os sujeitos vivenciaram experiências que fizeram emergir as limitações tecnológicas ligadas à dificuldade de conexão com a rede e relacionadas a eventos que fugiam ao seu controle impondo-se como barreira a ser vencida.

Em seus discursos evidenciam a flexibilidade do ambiente virtual como fator preponderante para se organizarem de acordo com a disponibilidade individual e desvelaram como fenômeno a necessidade de gerenciamento pessoal para a aprendizagem uma vez que a grade curricular não contemplava tempo livre para a realização das atividades disponibilizadas no AVA e que essas atividades demandam maior tempo para a realização. Este fenômeno suscita a necessidade de repensar a estruturação da grade curricular de maneira que o estudante consiga desenvolver a autoaprendizagem e a construção do conhecimento.

Essa construção do conhecimento de forma autônoma e individualizada foi outro fenômeno que veio à tona quando em seus discursos os estudantes evidenciam que o AVA estimula a buscar informações em outras fontes e, com isso, conseguem perceber que aprenderam os conteúdos e agregaram conhecimentos.

Em relação as inquietações que diz respeito às expectativas dos alunos em relação ao AVA, foi possível desvelar os fenômenos que caracterizam as perspectivas futuras como enfermeiro e estão relacionados aos **motivos para**, sendo eles, o aprender e fazer a diferença no futuro, ampliar conhecimentos construídos previamente e aperfeiçoar o conhecimento no uso das ferramentas digitais.

O fenômeno aprender e fazer a diferença no futuro profissional emergiu dos discursos dos graduandos e denotam sua compreensão de que atualmente, as ferramentas digitais compõem o universo da enfermagem e, deste modo, precisam se apropriar desse conhecimento para dar condução às diversas atividades que compõem as atribuições do enfermeiro.

Evidencia-se como fenômeno que é preciso ampliar os conhecimentos teóricos construídos previamente, desta maneira, os estudantes ressaltam que as ferramentas disponíveis no AVA contribuem para a atuação como enfermeiro.

Destacamos, ainda, como último fenômeno a necessidade de construir o conhecimento e as habilidades no uso da informática e das ferramentas digitais. Para a efetivação dessas habilidades os estudantes entendem como fatores preponderantes para alcançar o objetivo futuro de ser enfermeiro, ter interesse, envolvimento e utilizar as ferramentas digitais desde a formação.

Vislumbramos, assim, apesar do estudo ter sido limitado a uma única instituição particular e a vivência apenas dos graduandos, contribuir para que estudos futuros sejam desenvolvidos, considerando as dimensões **da construção do projeto político pedagógico** do curso de Enfermagem e **da relação professor-aluno** descritas a seguir:

Que as dimensões da construção do projeto político pedagógico do curso de graduação em Enfermagem:

– ofereçam e estimulem os docentes a buscar capacitação para usar as ferramentas digitais na sua plenitude, uma vez que a dificuldade de mediação pode estar

também relacionada à subutilização das ferramentas disponíveis no AVA por falta de domínio;

- contemplem, na grade curricular, horário livre para a realização das tarefas disponibilizadas no AVA;
- reconheçam que trabalhar com o AVA demanda tempo para o preparo das atividades, inserção dos conteúdos na plataforma, mediação e orientação dos alunos nas suas dificuldades relativas ao uso das ferramentas digitais e correção das atividades postadas pelos alunos, e assim, atribuam horas-aula e remunerem os docentes por essas horas trabalhadas;
- supram a necessidade de equipamentos em relação ao efetivo de estudantes e mantenham uma banda de conexão compatível com o uso.
- Assegurem treinamento tecnológico e pedagógico aos professores para que possam conhecer e explorar, ao máximo, as potencialidades de cada ferramenta disponível no AVA

Que na dimensão da relação professor-aluno seja:

- considerada a reconfiguração da mediação pedagógica no AVA, uma vez que os estudantes entendem a comunicação assíncrona como fator dificultador;
- valorizada a mediação pedagógica no ambiente virtual de aprendizagem, visto que os estudantes a consideram como preponderante para a compreensão das atividades propostas e para a construção do conhecimento;
- reconhecido o grande valor da interação aluno-aluno como momento de apoio e estímulo para o desenvolvimento e construção do conhecimento;
- compreendida a dificuldade na mediação pedagógica assíncrona pode estar relacionada à sua pouca ou nenhuma experiência em mediação no ambiente virtual;

- estimulada a interação entre os pares no ambiente virtual por meio de *chats* ou mesmo nas atividades presenciais, imprime novas conformações no ensino e aprendizagem;
- evidenciada a relevância de focar a atenção para as habilidades tecnológicas dos estudantes e a possível necessidade de inclusão digital, visto que a falta de familiaridade com o computador/informática dificulta o desenvolvimento das atividades e a construção do conhecimento;
- assegurado espaços de orientação aos graduandos no sentido de estabelecer a autoaprendizagem.

Diante do exposto, entendemos que este estudo respondeu ao objetivo de compreender como os graduandos de Enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

REFERÊNCIAS

- 1- Schütz A. Fenomenologia del mundo social. Buenos Aires: Paidós; 1972.

- 2- Wiske MS. A importância da compreensão. In: Wiske MS, Gardner H, Perkins D, Perrone V. Ensino para a compreensão: a pesquisa na prática. Tradução Araújo L. Porto Alegre: Artmed; 2007. p. 11-6.

- 3- Perrone V. Por que precisamos de uma pedagogia da compreensão? In: Wiske MS, Gardner H, Perkins D, Perrone V. Ensino para a compreensão: a pesquisa na prática. Tradução Araújo L. Porto Alegre: Artmed; 2007. p.19-36.

- 4- Perkins D. O que é compreensão? In: Wiske MS, Gardner H, Perkins D, Perrone V. Ensino para a compreensão: a pesquisa na prática. Tradução Araújo L. Porto Alegre: Artmed; 2007. p. 37-49.

- 5- Tobase L, Guareschi APDF, Frias MAE, Prado C, Peres HHC. Recursos tecnológicos na educação em enfermagem. J. Health Inform [Internet]. 2013 [citado 2013 dez 10];5(3): 77-81. Disponível em: <http://www.jhi-sbis.saude.ws/ojs-jhi/index.php/jhi-sbis/article/view/218/172>

- 6- Gros B, Garcia I, Escofet A. Beyond the net generation debate: a comparison of digital learners in face-to-face and virtual universities. The International Review of Research Open and Distance Learning – IRRODL [Internet]. 2012 [cited 2014 dec 20];13(4). Available from: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1001712.pdf>

- 7- Miranda EM. Ensino superior: novos conceitos em novos contextos. Téchne [Internet]. 2007 [citado 2010 jul. 08];V(8): 161-82. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/tek/n8/v5n8a08.pdf>

- 8- Fonseca LMM, Góes FSN, Ferecini GM, Leite AM, Mello DF, Scochi CG. Inovação tecnológica no ensino de semiotécnica e semiologia em enfermagem neonatal: do desenvolvimento à utilização de um *software* educacional. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2009 [citado 2011 jan. 24];18(3): 549-58. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n3/a19v18n3.pdf>

- 9- Rodrigues RCV, Peres HHC. Panorama brasileiro do ensino de Enfermagem On-line. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2008 [citado 2010 jul. 08]; 42(2): 298-304. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a12.pdf>
- 10- Peres HHC, Prado C, Alavarce DC, Aroldi JBC, Caetano KC. Da sala de aula presencial para o ambiente virtual de aprendizagem: considerações, planejamento e experiências. In: Prado C, Peres HHC, Leite MMJ. Tecnologia da Informação e da Comunicação em enfermagem. São Paulo: Atheneu; 2011. p. 85-101.
- 11- Moodle - *Modular Object Oriented Dynamic Learning Enviroment* [Internet]. 2011. [citado 2011 mai 16]. Disponível em: <http://moodle.org/about/>
- 12- Silva APSS, Pedro ENR. Autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de enfermagem: o chat educacional como ferramenta de ensino. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. 2010 [citado 2012 dez 17]; 18(2): 210-216. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n2/pt_11.pdf
- 13- Tanaka RY, Catalan VM, Zemiack J, Pedro ENR, Cogo ALP, Silveira DT. Objeto educacional digital: avaliação da ferramenta para prática de ensino em enfermagem. Acta paul. enferm. [Internet]. 2010 [citado 2012 dez 17]; 23(5):603-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n5/03.pdf>
- 14- Machado M, Ferreira SMB, Aquino V. A mediação pedagógica à luz do pensar complexo: uma análise comparativa da aula em ambiente virtual e presencial. Colabor@ - Revista Digital da CVA – Ricesu [Internet]. 2010 [citado 2015 fev 10];6(23):
Disponível em: <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/133/116>
- 15- Almeida MEB. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa [Internet]. 2003 [citado 2010 jul. 08];29(2): 327-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>
- 16- Peres HHC, Meira KC, Leite MMJ. Ensino de didática em enfermagem mediado pelo computador: avaliação discente. Rev. esc. enferm. USP [Internet]. 2007 [citado

2012 nov 05];41(2): 271-8. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n2/13.pdf>

17- Dias DC, Cassiani SHB. Educação de Enfermagem sem distâncias: uma ruptura espaço/temporal. Rev. esc. enferm. USP [Internet]. 2004 [citado 2012 dez 17];38(4): 467-74. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v38n4/13.pdf>

18- Silva EC, Corradi-Webster CM. Competência social para interagir em ambientes virtuais de aprendizagem. Invest Educ Enferm [Internet]. 2011 [citado 2015 abr 17];29(1): 97-102. Disponível em:
<http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v29n1/v29n1a12.pdf>

19- Phillips B, Shaw RJ, Sullivan DT, Johnson C. Using Virtual Environments to Enhance Nursing Distance Education. Creative Nursing [Internet]. 2010 [citado 2012 nov 10];16(3): 132 – 5. Disponível em:
<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=83&hid=111&sid=243a099c-0fc2-43bf-a17d-2f6bb726dd77%40sessionmgr111>

20- Mitchell EA, Ryan A, Carson O, McCann S. An exploratory study of web-enhanced learning in undergraduate nurse Education. Journal of Clinical Nursing. 2007;16:2287–96.

21- McVeigh H. Factors influencing the utilisation of e-learning in post-registration nursing students. Nurse Education Today. 2009; 29: 91–99.

22- Saraiva LM, Pernigotti JM, Barcia RM, Lapolli EM. Tensões que afetam os espaços de educação a distância. Psicologia em Estudo [Internet]. 2006 [citado 2010 jul. 08]; 11(3): 483-91. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a03.pdf>.

23- Tait, Michael; Tait, Desiree; Thornton, Frances; Edwards, Mark. Development and evaluation of a critical care e-learning scenario. Nurse Education Today (2008) 28, 970–980.

24- Schütz A. El problema de la realidad social. Buenos Aires: Amorrotu; 1974a.

- 25- Schütz A. Estudos sobre teoria social. Buenos Aires: Amorrortu; 1974b.

- 26- Fernandes MFP, Freitas GF. A construção do conhecimento do graduando de enfermagem: uma abordagem ético-social. Rev. bras. enferm. [Internet]. 2007 [citado 2010 abr 04];60(1): 62-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n1/a11v60n1.pdf>

- 27- Dias DC, Alves DI, Fernandes LM, Gemelli LMG. Ambiente virtual de aprendizagem como ferramenta para o estudo extra-classe e educação continuada. Cogitare Enferm. [Internet]. 2011 [citado 2015 abril 10];16(3): 565-8. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/view/19936/16305>

- 28- Evans R, Forbes L. Mentoring the “net generation”: faculty perspectives in health education. College Student Journal [Internet]. 2012 [cited 2014 dec 12];46(2). Available from: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=2&sid=891143dd-74fa-4f22-b02d-5841ea894e28%40sessionmgr112&hid=116&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=afh&AN=77698070>

- 29- Prado C, Santiago LC, Silva JAM, Pereira IM, Leonello VM, Otrenti E, et al. Ambiente virtual de aprendizagem no ensino de Enfermagem: relato de experiência. Rev. bras. enferm. [Internet]. 2012 [citado 2015 abr. 04];65(5), 862-6. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n5/22.pdf>

- 30- Fragoso S. Mediações espaciais da sociabilidade on-line. In Oliveira IL, Marchiori M organizadores. Redes sociais, comunicação, organizações. 1 ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012. p. 67-84.

- 31- Santos VM, Cabestré SA; Moraes, E. A comunicação na era das redes sociais: aproximações teóricas. In: Oliveira IL, Marchiori M organizadoras. Redes sociais, comunicação, organizações. 1. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2012. P. 85-105.

- 32- Echenique EEG, Moliás LM, Bullen M. Usos académicos y sociales de las tecnologías digitales del estudiante universitario de primer año. TENDENCIAS PEDAGÓGICAS [Internet]. 2014 [citado 2014 dez 28];23: 191-204. Disponível em: http://www.tendenciaspedagogicas.com/Articulos/2014_23_14.pdf

- 33- Moran JM. Desafios na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnolpígica. 3 ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas; 2007. Comunicação para uma nova educação; p. 153-83.
- 34- Peres HHC. O ser docente de enfermagem frente ao mundo da informática: um olhar na perspectiva da fenomenologia social. [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2001.
- 35- Prensky M. Digital Natives, Digital Immigrants. NCB University Press [Internet]. 2001 [cited 2014 dec 12];9(5). Available from: <http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital%20Natives%20-%20Digital%20Immigrants.pdf>
- 36- Cardoso JP, Rosa VA, Lopes CRS, Vilela ABA, Santana AS, Silva ST. Construção de uma práxis educativa em informática na saúde para ensino de graduação. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2008 [citado 2012 nov. 10]; 13(1): 283-288. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n1/30.pdf>
- 37- Costa PB, Prado C, Oliveira LFT, Peres HHCP, Massarollo MCKB, Fernandes MFP, Leite MMJ, Freitas GF Fluência digital e uso de ambientes virtuais: caracterização de alunos de enfermagem. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2011 [citado 2012 set. 08];45(Esp): 1589-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe/v45nspea08.pdf>.
- 38- Kennedy G, Judd T, Dalgarno B, Waycott J. Beyond natives and immigrants: exploring types of net generation students. Journal of Computer Assisted Learning [Internet]. 2010 [cited 2014 dec 21];26(5), 332-343 Available from: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=8&sid=891143dd-74fa-4f22-b02d-5841ea894e28%40sessionmgr112&hid=116>
- 39- Lins e Silva PK. A escola na era digital. In: Abreu CN, Eisenstein E, Estefanon SGB. organizadores. Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed; 2013. p. 137-45.
- 40- Ramirez AV, Angelo M, Gonzalez LAM. Vivencia de estudiantes de enfermería de la transición a la práctica profesional: un enfoque fenomenológico social. Texto

contexto - enferm. [Internet]. 2011 [citado 2015 jan 06];20(esp): 66-73. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v20nspe/v20nspea08.pdf>

41- Salvador ME, Sakumoto M, Marin HF. Uso do Moodle na Disciplina de Informática em Enfermagem. J. Health Inform. [Internet]. 2013 [citado 2014 dez 30];5(4):121-6. Disponível em: <http://www.jhi-sbis.saude.ws/ojs-jhi/index.php/jhi-sbis/article/view/268/181>

APÊNDICES

Apêndice 1 – SOLICITAÇÃO DE CONSENTIMENTO PARA COLETA DE DADOS

São Paulo, 14 de novembro de 2012

Ilma. Sr^a. Prof^a Ms. Wana Yeda Paranhos
Diretora do Curso de Graduação em Enfermagem

Prezada Senhora,

Venho solicitar o consentimento de V.Sa. para que eu Marcos Antonio da Eira Frias, aluno do Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – Nível Doutorado, sob orientação da Prof^a Dr^a Heloisa Helena Ciqueto Peres, realize trabalho de pesquisa nesta Instituição e colete dados junto aos alunos.

Me comprometo a manter o anonimato dos participantes conforme rege os preceitos éticos.

A pesquisa é parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências, e objetiva compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

Solicito que V.Sa. assine a declaração em anexo, para que seja encaminhada ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Anexo a esta solicitação encontra-se o instrumento de autorização para coleta de dados e o o projeto de pesquisa.

Conto com vossa colaboração e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos nos telefones 99956-4942 e 3981-2847, ou pelo e-mail: mfrias@edu.unicid.br ou maefrias@terra.com.br.

Título do Projeto: Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem.

Atenciosamente,

Marcos Antonio da Eira Frias
Pesquisador

Apêndice 2 – AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Declaro em nome da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, ter conhecimento do Projeto de Pesquisa intitulado “Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem”, de autoria de Marcos Antonio da Eira Frias sob orientação da Profª Drª Heloisa Helena Ciqueto Peres, que tem como objetivo compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

Estamos cientes de que este estudo é parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências, junto ao Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e concordamos com a divulgação e publicação dos resultados encontrados.

Nome do responsável: Profª Ms. Wana Yeda Paranhos

Cargo ou função: Diretora do Curso de Graduação em Enfermagem

São Paulo, 14/11/12

Assinatura

Prof.ª Ms. Wana Yeda Paranhos
Diretora do Curso de Enfermagem
COREN 39801
2178-1481

Apêndice 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Codiname: _____

Entrevista nº _____

Eu, Marcos Antonio da Eira Frias, aluno do Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP, nível Doutorado, convido você a participar do estudo intitulado “Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem”, que estou desenvolvendo sob orientação da Prof^a Dr^a Heloisa Helena Ciqueto Peres.

Este estudo tem como objetivo Compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

A coleta de dados será feita na forma de entrevista e será norteadas pelas seguintes questões: 1) Como tem sido sua vivência no uso da plataforma Moodle na sua formação de enfermagem? 2) Como tem sido sua participação na realização das atividades no AVA? 3) O que você espera com o uso do AVA para a sua formação em enfermagem?

Além dessas perguntas norteadoras, você será questionado sobre sua idade, gênero, uso de tecnologias da Informação e Comunicação (fórum, chat, redes sociais, entre outros), acesso a internet fora do ambiente acadêmico e se tem computador em casa para uso próprio.

A sua participação neste estudo é voluntária, não há risco ou desconforto pessoal, você não terá nenhum tipo de gasto, não receberá nenhum benefício financeiro ou de notas de avaliação. Em momento algum seu nome será divulgado na pesquisa.

Você pode desistir de participar do estudo retirando seu consentimento a qualquer momento da pesquisa. Caso você desista de participar ou não aceitar participar do estudo, **NÃO** sofrerá nenhuma punição, perseguição ou prejuízo no desenvolvimento de seus estudos, conclusão do curso ou perda de qualquer benefício que tenha ou venha a obter da Universidade.

Os resultados deste estudo contribuirão para o aprimoramento do ensino de enfermagem, aplicação e uso das ferramentas digitais como recurso de ensino e

conhecer a percepção dos estudantes em relação ao uso do ambiente virtual de aprendizagem.

Esses dados serão utilizados somente para esta pesquisa e serão divulgados em eventos e publicados em periódicos, mantendo sempre seu anonimato.

Qualquer dúvida ou esclarecimento poderá ser dado pelo pesquisador responsável, Marcos Antonio da Eira Frias, que pode ser encontrado na Rua Cesário Galeno, 448/475 – Tatuapé – São Paulo - SP - Cep 03071-000, telefone 99956-4942 (celular) ou 2178-1481 – e-mail: mfrias@edu.unicid.br, ou ainda no Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP, pelo e-mail: edipesq@usp.br

Assim, solicito que assine o consentimento pós esclarecido em duas vias, sendo uma destina a você e outra será mantida nos arquivos do pesquisador principal.

Desde já agradeço a sua atenção e participação e me coloco à disposição para outros esclarecimentos.

Consentimento pós esclarecido

Eu, _____, RG nº _____, nascido em ____/____/_____, na cidade de: _____, do sexo _____, residente à _____ na cidade de _____, declaro ter sido devidamente esclarecido sobre os objetivos deste estudo, sobre o procedimento de entrevista a que serei submetido e que não haverá riscos e desconfortos. Recebi garantias de total sigilo e de obter novos esclarecimentos sempre que desejar. Assim, concordo em participar voluntariamente deste estudo assinando este termo de consentimento em duas vias, sendo que uma ficará em meu poder e outra será entregue ao pesquisador principal. Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou perda de qualquer benefício.

São Paulo, _____, _____, 2012.

Assinatura do Sujeito da Pesquisa

Eu, Marcos Antonio da Eira Frias, responsável pela pesquisa “Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem” declaro que obtive espontaneamente o consentimento deste sujeito de pesquisa para realizar este estudo.

São Paulo, _____, _____, 2012.

Marcos Antonio da Eira Frias
RG 13.701.056-4 – COREN-SP 37.365

Apêndice 4 – Instrumento de coleta de dados

DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Codinome: _____ Entrevista nº _____ Semestre: _____ Idade _____

Gênero: () Masculino () Feminino

Quanto ao uso de tecnologias da Informação e Comunicação você participa de:

Fórum: () Sim () Não – Com qual frequência? () Diariamente

() Uma vez por semana () Quinzenalmente () Uma vez por mês () Raramente

Chat: () Sim () Não – Com qual frequência? () Diariamente

() Uma vez por semana () Quinzenalmente () Uma vez por mês () Raramente

Redes Sociais: () Sim () Não – Com qual frequência?

() Diariamente () Uma vez por semana () Quinzenalmente () Uma vez por mês () Raramente

Outros: _____ Com qual frequência? () Diariamente

() Uma vez por semana () Quinzenalmente () Uma vez por mês () Raramente

Você tem acesso a internet fora do ambiente acadêmico?

() Sim () Não - Aonde? () casa () na empresa onde trabalha () lan house

() Outros _____

Você tem computador em casa para uso próprio? () Sim () Não

QUESTÕES NORTEADORAS:

1) Como tem sido sua vivência no uso da plataforma Moodle na sua formação de enfermagem?

2) Como tem sido sua participação na realização das atividades no AVA?

3) O que você espera com o uso do AVA para a sua formação em enfermagem?

ANEXOS

Anexo 1: Número CAAE

9/7/2014

Gmail - [Plataforma Brasil] - Comunicado

Marcos Antonio da Eira Frias
<mfrias.enf@gmail.com>

[Plataforma Brasil] - Comunicado

Equipe Plataforma Brasil

<plataformabrasil@saude.gov.br>

Para: Marcos Ant?nio da Eira Frias <mfrias.enf@gmail.com>

10 de abril de 2014

05:14

Prezado Centro Coordenador do CAAE 07725812.5.3001.0064,

Devido a um erro no sistema Plataforma Brasil, informamos que o número CAAE 07725812.5.0000.5392 do projeto 'Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem' foi gerado em um formato indevido. Após identificarmos o problema, foi programado a criação de um novo número CAAE 07725812.5.3001.0064 para o projeto, garantindo a permanência do histórico e de todos os dados do projeto.

O procedimento de criação do novo número CAAE foi realizado em 05/04/2014.

Desde já agradecemos a compreensão e pedimos desculpas pelo transtorno.

Atenciosamente,

Equipe Plataforma Brasil.

Esta é uma mensagem automática. Favor não responder este e-mail.

Anexo 2: PARECER CONSUSBTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP - EEUSP

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EEUSP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem

Pesquisador: Marcos Antônio da Eira Frias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 07725812.5.0000.5392

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 145.643

Data da Relatoria: 13/11/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de Doutorado, que pretende compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) no processo ensino-aprendizagem à luz do referencial da fenomenologia social de Alfred Schutz. A região de inquérito será constituída por estudantes de enfermagem matriculados em uma Universidade privada do município de São Paulo que utilizem o AVA Moodle no processo ensino-aprendizagem. O número de sujeitos não será definido previamente, pois, na busca do fenômeno, a coleta se encerra quando as inquietações forem respondidas. Os dados serão coletados na forma de entrevista que será norteadas pelas seguintes questões: 1) Como tem sido sua vivência no uso da plataforma Moodle na sua formação de enfermagem? 2) Como tem sido sua participação na realização das atividades no AVA? 3) O que você espera com o uso do AVA para a sua formação em enfermagem? Além dessas perguntas norteadoras, os estudantes serão questionados sobre: idade, gênero, uso de tecnologias da Informação e Comunicação (fórum, chat, redes sociais, entre outros), acesso a internet fora do ambiente acadêmico e se têm computador próprio em casa.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador, o estudo não apresenta riscos. Os dados coletados serão mantidos em

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419

Bairro: Cerqueira Cesar

CEP: 05.403-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3061-7548

Fax: (11)3061-7548

E-mail: edipesq@usp.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO - EEUSP

sigilo, garantindo-se o anonimato dos participantes.

Quanto aos benefícios, o pesquisador afirma que os resultados deste estudo contribuirão para o aprimoramento das ferramentas digitais como recurso de ensino dentro do ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa bem desenhado e bem escrito.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: De acordo com a Res. 196/96;
2. Cronologia: Viável;
3. Orçamento e Financiamento: Os custos da pesquisa, devidamente orçados, serão arcados pelo pesquisador.
4. Autorização da Instituição Co-Participante: Foi juntado modelo de carta para a Instituição Co-Participante, solicitando a autorização para realização da pesquisa.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Os resultados, parciais e finais da pesquisa deverão ser registrados na Plataforma Brasil.

SAO PAULO, 13 de Novembro de 2012

Assinador por:
Celia Maria Sivalli Campos
(Coordenador)

Endereço: Av. Dr Enéas de Carvalho Aguiar, 419
Bairro: Cerqueira Cesar **CEP:** 05.403-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3061-7548 **Fax:** (11)3061-7548 **E-mail:** edipesq@usp.br

Anexo 3: PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA DA UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO - UNICID

UNIVERSIDADE CIDADE DE
SÃO PAULO - UNICID

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vivência de graduandos de enfermagem no uso do ambiente virtual de aprendizagem

Pesquisador: Marcos Antônio da Eira Frias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 07725812.5.0000.5392

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 170.525

Data da Relatoria: 05/12/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de Doutorado, que pretende compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) no processo ensino-aprendizagem à luz do referencial da fenomenologia social de Alfred Schutz. A região de inquérito será constituída por estudantes de enfermagem matriculados em uma Universidade privada do município de São Paulo que utilizem o AVA Moodle no processo ensino-aprendizagem. O número de sujeitos não será definido previamente, pois, na busca do fenômeno, a coleta se encerra quando as inquietações forem respondidas. Os dados serão coletados na forma de entrevista que será norteada pelas seguintes questões:

- 1) Como tem sido sua vivência no uso da plataforma Moodle na sua formação de enfermagem? 2) Como tem sido sua participação na realização das atividades no AVA?
- 3) O que você espera com o uso do AVA para a sua formação em enfermagem? Além dessas perguntas norteadoras, os estudantes serão questionados sobre: idade, gênero, uso de tecnologias da Informação e Comunicação (fórum, chat, redes sociais, entre outros), acesso a internet fora do ambiente acadêmico e se têm computador próprio em casa.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender como os graduandos de enfermagem vivenciam o uso do ambiente virtual de aprendizagem na sua formação como enfermeiro.

Endereço: Rua Cesário Galeno, 445

Bairro: Tatuapé

UF: SP

Município: SÃO PAULO

CEP: 03.071-000

Telefone: (11-)2178-1310

Fax: (11-)2178-1135

E-mail: cepunicid@unicid.br

UNIVERSIDADE CIDADE DE
SÃO PAULO - UNICID

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador, o estudo não apresenta riscos. Os dados coletados serão mantidos em sigilo, garantindo-se o anonimato dos participantes.

Quanto aos benefícios, o pesquisador afirma que os resultados deste estudo contribuirão para o aprimoramento das ferramentas digitais como recurso de ensino dentro do ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa bem desenhado e bem escrito.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: De acordo com a Res. 196/96;
2. Cronologia: Viável;
3. Orçamento e Financiamento: Os custos da pesquisa, devidamente orçados, serão arcados pelo pesquisador.
4. Autorização da Instituição Co-Participante: Foi juntado modelo de carta para a Instituição Co-Participante, solicitando a autorização para realização da pesquisa.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os resultados, parciais e finais da pesquisa deverão ser registrados na Plataforma Brasil.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Acatamos o Parecer do CEP de origem com relação aos parâmetros éticos e de desenvolvimento da Pesquisa.

Endereço: Rua Cesário Galeno, 445

Bairro: Tatuapé

UF: SP

Município: SÃO PAULO

CEP: 03.071-000

Telefone: (11-)2178-1310

Fax: (11-)2178-1135

E-mail: cepunicid@unicid.br

UNIVERSIDADE CIDADE DE
SÃO PAULO - UNICID

SAO PAULO, 12 de Dezembro de 2012

Assinador por:
Danilo Minor Shimabuko
(Coordenador)

Endereço: Rua Cesário Galeno, 445

Bairro: Tatuapé

CEP: 03.071-000

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11-)2178-1310

Fax: (11-)2178-1135

E-mail: cepunicid@unicid.br